

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA



PAULO TIAGO DA CUNHA MONTEIRO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
BÁSICA Nº2 DA MEALHADA JUNTO DA TURMA DO 8ºC NO ANO LETIVO DE
2012/2013**

**A OBTENÇÃO DO SUCESSO NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM TURMAS
NUMEROSAS: SUPERAÇÃO DE DIFICULDADES E PROCURA DE ESTRATÉGIAS**

COIMBRA
2013

PAULO TIAGO DA CUNHA MONTEIRO
Nº 2011124387

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
BÁSICA Nº2 DA MEALHADA JUNTO DA TURMA DO 8ºC NO ANO LETIVO DE
2012/2013**

**A OBTENÇÃO DO SUCESSO NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM TURMAS
NUMEROSAS: SUPERAÇÃO DE DIFICULDADES E PROCURA DE ESTRATÉGIAS**

Relatório de Estágio apresentado à
Faculdade de Ciências do Desporto e
Educação Física da Universidade de
Coimbra com vista à obtenção do grau de
mestre em Ensino da Educação Física
nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador: Pedro Fonseca

COIMBRA
2013

MONTEIRO, P. (2013). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Básica nº2 da Mealhada junto da Turma do 8ºC no ano letivo de 2012/2013 – A Obtenção do Sucesso no Ensino da Educação Física em Turmas Numerosas: Superação de Dificuldades e Procura de Estratégias*. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Eu, Paulo Tiago da Cunha Monteiro, aluno nº 2011124387 do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, venho por este meio declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no artigo 30º do Regulamento Pedagógico da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

**Aos meus familiares e amigos pela
disponibilidade, acompanhamento,
paciência, compreensão e incentivo
para o alcançar dos meus objetivos
acadêmicos, pessoais e profissionais.**

AGRADECIMENTOS

A concretização deste relatório e de toda a minha caminhada neste Estágio só foi possível com o apoio e disponibilidade de várias pessoas, pelo que não podia deixar de expressar os meus mais sinceros agradecimentos:

- Ao Professor Miguel Faria, meu Orientador de Escola, por todo o seu apoio, receção, disponibilidade, acompanhamento, colaboração, compreensão e amizade demonstrados ao longo de todo o trabalho;**
- Ao Mestre Pedro Fonseca, meu Orientador Universitário, pela disponibilidade, compreensão e competência evidenciados no decorrer de todo este trabalho;**
- À Diretora de Turma, Professora La-Saete Venceslau, pela troca de experiências, simpatia, disponibilidade e pelos momentos de aprendizagem inerente à função que desempenhou com a turma;**
- A todos os membros e alunos da Escola que me acolheu para a realização do Estágio, pela receção, carinho, amizade e profissionalismo demonstrados nesta nova etapa de vida;**
- Aos colegas de Estágio, Joana Simões, João Fulgêncio e Paulo Santiago, pela paciência, incentivo, compreensão, ajuda e acima de tudo pelas suas presenças, pois sem eles nada deste desempenho seria possível.**
- A toda a minha família e amigos por todo o apoio, estímulo, carinho e confiança transmitidos durante todos estes anos, pois apesar da distância nunca foram esquecidos e foram também essenciais em certas fases do meu trabalho.**
- A todos os meus amigos e colegas que tive a honra de conhecer neste percurso académico e que me ajudaram de alguma forma a chegar até aqui.**

O meu muito sentido e sincero obrigado!

**“As crianças não devem aprender pela
força e severidade, cabe ao Professor
encaminhá-las para que se divirtam
com suas mentes, para que o mestre
seja capaz de descobrir com precisão a
tendência peculiar do gênio que existe
dentro de cada uma.”**

PLATÃO

RESUMO

Este relatório descreve, muito sucintamente, todo o percurso e trabalho desenvolvido ao longo deste Estágio Pedagógico, direcionando-o numa parte final, para o tema sobre o qual eu irei retratar mais detalhadamente. A ideia é obter um conjunto alargado de medidas/estratégias que contribuam para uma melhor qualidade de ensino, mais especificamente no ensino da Educação Física, tendo por base as dificuldades associadas ao trabalho com turmas numerosas e respetivas formas de resolução dessas mesmas limitações, com vista à obtenção do sucesso escolar. Como tal, decidi efetuar um pequeno estudo suportado por todo um percurso efetuado ao longo do Estágio, através de uma análise das dificuldades sentidas e das suas formas de superação; pela presença de um vasto suporte bibliográfico; e pelos questionários que tive oportunidade de aplicar a professores de Educação Física que vivenciaram casos semelhantes a este, para assim, ter uma maior sustentação que apoie a ideologia defendida por mim relativamente à obtenção do sucesso no ensino da Educação Física em turmas numerosas. Partindo dos resultados obtidos na realização deste Estudo, e também da experiência que fui adquirindo ao longo de todo o Estágio Pedagógico, como já havia referido anteriormente, espero contribuir de alguma forma para a resolução de problemas alusivos ao trabalho desenvolvido com turmas numerosas através da apresentação fundamentada de um conjunto de estratégias que visem sobretudo o êxito no ensino da Educação Física e nas diferentes atividades que a mesma implementa, privilegiando sempre que possível, uma melhor qualidade de ensino.

Palavras-Chave: Educação Física; Turmas Numerosas; Sucesso Escolar; Qualidade de Ensino; Resolução de Dificuldades/Limitações e Estratégias.

ABSTRACT

This report describes, very briefly, all the way and work along this Teacher Training, directing it in the end, for the topic on which I will portray more detail. The idea is to get a wide range of measures / strategies that contribute to a better quality of education, specifically the teaching of physical education, based on the difficulties associated with working with large classes and their respective ways of solving these same limitations in order to achieving academic success. As such, I decided to make a small study supported across a route made over the stage, through an analysis of difficulties and their ways of overcoming, by the presence of a vast bibliographic support, and the questionnaires that had the opportunity to apply the Physical Education teachers who have experienced similar cases to this, thus, have a greater lift to support the ideology advocated by me in respect of obtaining success in the teaching of Physical Education in large classes. Based on the results obtained in carrying out this study, and also the experience that I acquired throughout the Teacher Training, as already mentioned above, I hope to contribute in some way to solving problems allusive to work with large classes by presenting grounded in a set of strategies aimed particularly successful in teaching Physical Education and the different activities that it implements, favoring whenever possible, a better quality of education.

Keywords: Physical Education Classes Numerous; School Success, Teaching Quality, Resolution of Difficulties / Limitations and Strategies.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA.....	15
2.1. Expetativas Iniciais em relação ao Estágio.....	15
2.1.1. Dimensão Profissional e Ética.....	15
2.1.2. Participação na Escola.....	16
2.1.3. Desenvolvimento e Formação Profissional.....	17
2.1.4. Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem.....	18
2.2. Definição de Objetivos.....	19
2.3. Projeto Formativo.....	20
2.4. Realidade do Contexto Escolar.....	21
3. ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	23
3.1. Planeamento.....	23
3.1.1. Plano Anual.....	24
3.1.1.1. Seleção das Matérias a Lecionar.....	24
3.1.2. Unidades Didáticas.....	25
3.1.2.1. Estratégias de Ensino.....	27
3.1.2.2. Estilos de Ensino.....	27
3.1.3. Planos de Aula.....	28
3.2. Avaliação.....	30
3.2.1. Avaliação Diagnóstica.....	31
3.2.2. Avaliação Formativa.....	32
3.2.3. Avaliação Sumativa.....	33
3.3. Intervenção Pedagógica.....	34
3.3.1. Instrução.....	34
3.3.2. Gestão Pedagógica.....	36
3.3.3. Clima/Disciplina.....	37
3.3.4. Decisões de Ajustamento.....	38
3.4. Atitude Ético-Profissional.....	40
3.5. Aprendizagens Adquiridas.....	41
3.6. Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução.....	43
3.7. Importância do Trabalho Individual e do Trabalho em Grupo.....	44

4. A OBTENÇÃO DO SUCESSO NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM TURMAS NUMEROSAS: SUPERAÇÃO DE DIFICULDADES E PROCURA DE ESTRATÉGIAS.....	45
4.1. Contextualização do Problema.....	48
4.2. Metodologias.....	50
4.3. Instrumentos.....	51
4.4. Procedimentos.....	52
4.5. Amostra.....	52
4.6. Apresentação e Discussão dos Resultados.....	53
4.6.1. Dificuldades no Ensino a Turmas Numerosas.....	53
4.6.2. Desenvolvimento das Aprendizagens dos Alunos no Ensino a Turmas Numerosas.....	55
4.6.3. Desempenho dos Alunos nos Diferentes Momentos de Avaliação..	56
4.6.4. Estratégias/Soluções para a Obtenção do Sucesso no Ensino da Educação Física.....	57
4.6.5. Ações para uma Minimização da Tendência do Aumento do Número de Alunos por Turma.....	58
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62
REFERÊNCIAS LEGISLATIVAS.....	65
ANEXOS.....	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados relativos à questão nº1 do Questionário.....	54
Tabela 2 – Dados relativos à questão nº2 do Questionário.....	55
Tabela 3 – Dados relativos à questão nº3 do Questionário.....	56
Tabela 4 – Dados relativos à questão nº4 do Questionário.....	57
Tabela 5 – Dados relativos à questão nº5 do Questionário.....	59

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Média de Alunos por Turma nas Escolas	49
--	----

1 - INTRODUÇÃO

Na sequência do Estágio Pedagógico realizado no âmbito do Curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade e Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra, realizado na Escola Básica nº2 da Mealhada, apresento o respetivo Relatório de Estágio, sendo que para o presente documento, decidi debruçar-me sobre o seguinte tema: "A Obtenção do Sucesso no Ensino da Educação Física em Turmas Numerosas: Superação de Dificuldades e Procura de Estratégias".

Além do que foi dito, acrescento ainda que neste Relatório será descrito todo o trabalho desenvolvido por mim, enquanto Professor, através de reflexões críticas tendo em vista os aspetos positivos e negativos da minha prestação ao longo de todo este Estágio Pedagógico.

Partindo então destas palavras, o desenvolvimento deste Relatório consiste, numa primeira fase, na contextualização da prática desenvolvida, onde me irei referir aos dados necessários ao suporte da reflexão sobre a mesma, reveladores do contexto vivido; numa segunda fase, na análise reflexiva sobre a prática pedagógica através de uma reflexão sustentada sobre aspetos críticos da minha intervenção e do meu percurso global no Estágio, orientada para o desenvolvimento profissional; e por fim, numa terceira e última fase, no aprofundamento do estudo já mencionado, relacionando-o em certos aspetos com o todo o trabalho desenvolvido até então. De salientar também, e ainda relativo ao Estudo realizado, que este terá como principal objetivo a obtenção de um conjunto alargado de medidas/estratégias que contribuam para uma melhor qualidade de ensino, mais especificamente no ensino da Educação Física, baseando-me para tal nas dificuldades associadas ao trabalho com turmas numerosas e respetivas formas de resolução dessas mesmas limitações, com vista à obtenção do sucesso escolar. Com isto, espero contribuir de alguma forma para a resolução de problemas alusivos ao trabalho desenvolvido com turmas numerosas através da apresentação fundamentada de um conjunto de estratégias que visem sobretudo o êxito no ensino da Educação Física e nas diferentes atividades que a mesma implementa, privilegiando sempre que possível, uma melhor qualidade de ensino.

2 - CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

2.1. Expetativas Iniciais em Relação ao Estágio

No início deste longo percurso, e como seria de esperar existiram muitas expectativas e receios relativamente ao Estágio Pedagógico. No entanto, apesar de ser um ano de árduo trabalho, a sua realização seria um contributo bastante importante no desenvolvimento de competências pessoais e profissionais para o desempenhar de uma futura função como docente de Educação Física. Assim sendo, este Estágio mostrou-se uma ótima oportunidade de aprendizagem favorecendo a aquisição e desenvolvimento de espírito de trabalho, não só a nível individual mas também em termos de trabalho de grupo e cooperativo entre os vários professores envolvidos, de atitudes proactivas na identificação e resolução de qualquer problema pedagógico, de capacidade de lecionação e de aplicação e integração dos conhecimentos teóricos adquiridos durante todo o percurso académico, mais especificamente, neste último ano que passou, permitindo desta forma superar algumas dessas mesmas expectativas e receios que existiram em torno do Estágio. Nos tópicos a seguir apresentados, serão descritas as minhas expectativas iniciais para este Estágio Pedagógico, relativamente à minha experiência no papel de Professor, em diferentes contextos.

2.1.1. Dimensão Profissional e Ética

Aos professores, quando lhes é pedido para se exprimirem acerca do que pensam que é ser professor, definem a sua profissão como uma atividade constitutivamente ética. Ética porque o professor deve agir na observância de um conjunto de princípios de natureza moral e também porque o que se espera do professor é que ele recorra a uma estratégia, desenvolva um método e disponha de recursos para promover a formação ética dos alunos. Com efeito, *“relativamente ao modo como os professores definem a docência, assume particular relevo a função de educar, formar os alunos e contribuir para o desenvolvimento pessoal e social das crianças e jovens”, sublinhando-se que “ser professor (...) obriga a um modo particular de ser e de estar”* (Silva, 1994, p. 93). Pensam assim, tanto os professores mais jovens, e que se encontram no início da carreira, como os professores mais velhos, já no topo ou no meio da carreira.

As dimensões éticas são consideradas como importantes no nosso sistema educativo e estão presentes em vários documentos legislativos, quer no que respeita à formação dos alunos, quer no que respeita à formação dos professores, sendo consideradas componentes relevantes para o exercício profissional. Veja-se, por exemplo, a Lei de Bases do Sistema Educativo, onde as questões éticas, associadas aos valores sociais, espirituais, morais e cívicos, estão implícitas, quer como princípios organizativos, quer como objetivos do ensino básico e secundário.

Segundo o Perfil de Desempenho Docente – D.L. 240/2001 de 30 de Agosto, este assenta em pressupostos como o saber específico, tendo como função muito específica, o ensino, apoiado na investigação e na reflexão partilhada da prática educativa. Relativamente à minha ligação profissional, esta incidiu em diversos mecanismos de criatividade e inovação no sentido de promover o sucesso dos alunos, fornecendo a estes toda uma bagagem necessária para que conseguissem adquirir a sua autonomia, bem como a sua inclusão na sociedade envolvente, nomeadamente o meio escolar. Para isso tentei, sempre que possível, estabelecer comunicações de carácter amigável, prestável, de confiança, de motivação, e essencialmente estar sempre disponível para ouvir cada aluno.

2.1.2. Participação na Escola

Estamos perante uma sociedade que não se compadece com uma escola parada no tempo, mas, sim, exige uma escola ativa, dinâmica e aberta ao meio. Pretende-se uma escola que desenvolva uma cultura de participação, que saiba partilhar a educação com a família (principal entidade, responsável pela educação), com os trabalhadores não docentes, com a comunidade envolvente e assim todos possam contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, tornando-os cidadãos mais responsáveis e livres na sociedade. É este tipo de escola que é preconizada pela Lei de Bases (Lei nº46 / 86, de 14 de Outubro) e que exige uma mudança do Sistema Tradicional de Ensino.

Por isso, a escola de hoje exige novas posturas, novas responsabilidades de todos os que nela intervêm e contribuem para uma melhoria do ensino, quer sejam professores, pais ou outros. Mas, o papel do professor, como principal impulsionador e dinamizador, é e será determinante para o sucesso de qualquer reforma do sistema educativo. O professor assume o papel primordial de dinamizador de

participação e de mobilização de todos os outros intervenientes, no sentido de os levar a darem o seu contributo e a assumirem a sua cota parte de responsabilidade na educação, para que a escola possa realizar os seus objetivos. A escola é um local onde se trocam experiências, onde todos os que aí participam vivem um pouco ou grande parte da sua vida. Por isso, é imprescindível que cada um se sinta parte integrante dela. Assim, abordaremos a escola como um espaço de interação, bem como as formas de participação dos seus intervenientes. Porque compreender a ação dos que fazem a escola leva-nos a conhecer os estatutos de cada membro e os papéis a eles associados, as normas organizacionais que orientam a interação e o contributo de cada um para a prossecução das atividades. É na conjugação destes fatores que se definem as formas de cada um estar na escola. Desta forma, e no que diz respeito às metodologias de trabalho, foi notória a presença de entreajuda e disponibilidade de todos os envolvidos, criando assim um bom ambiente dentro do grupo, para que fossem realizadas trocas de conhecimentos e de aprendizagens o mais enriquecedoras possíveis. Quanto às atividades didáticas que envolvem a comunidade escolar, assumi o interesse em participar de forma mais ativa junto das mesmas e também organizar atividades para os alunos com o intuito de aumentar a minha experiência, responsabilidade e conhecimento.

2.1.3. Desenvolvimento e Formação Profissional

O professor, quando adquire a sua habilitação profissional, está longe de ser considerado um profissional acabado e amadurecido, na medida em que os conhecimentos que adquiriu ao longo da sua formação inicial são insuficientes para o exercício das suas funções ao longo da carreira, reconhecendo, assim, a necessidade de crescimento e de aquisições diversas, assumindo ele próprio o comando do seu desenvolvimento (Ponte, 1994). Efetivamente, na opinião de Day (2007), o desenvolvimento profissional contínuo de professores sempre foi necessário para aqueles que trabalham na escola, dadas as mudanças no currículo, nas abordagens de ensino e nas condições de trabalho.

A emergência desta nova visão do professor como profissional em permanente desenvolvimento advém essencialmente das mudanças constantes da sociedade atual e das teorias educacionais e pedagógicas. A perspetiva tradicional via o professor como o “mestre” que vivia isolado com os seus alunos na sala de aula sem

ajuda do “exterior”, tornando-se “uma vítima fácil das suas próprias deformações, insuficiências e interesses, assim como das pressões institucionais e sociais”. Hoje, preconiza-se o ensino como uma atividade de equipa em constante desenvolvimento, no seio escolar, assente na investigação, na produção de conhecimentos, remetendo para tarefas complexas próprias de analistas simbólicos e não para a execução de tarefas simples e repetitivas, obedecendo à execução de procedimentos prescritos e monitorizados (Canário, 2007: 15). Assim, o desenvolvimento profissional dos professores diz respeito às diversas experiências de aprendizagem (naturais, planeadas e conscientes) realizadas pelo benefício direto ou indireto, contribuindo para melhorar o desempenho do professor dentro da sala de aula, apropriando-se particularmente de uma atitude profissional que remete para uma prática de questionamento. É, também, o processo através do qual os docentes, sozinhos e em conjunto com os outros, revêm e valorizam o seu papel como agentes de mudança e como construtores críticos do conhecimento e das competências ao longo da sua vida como professores. A partir do que foi dito, e de acordo com a experiência vivenciada neste Estágio, através do trabalho desenvolvido com o meu grupo de Estágio, bem como com o professor cooperante e orientador, foi possível superar muitas das dificuldades com que me deparei, permitindo desta forma, construir uma boa base de formação e desenvolvimento, baseada na atribuição do conhecimento, material e informação.

2.1.4. Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem

A dimensão relativa ao desenvolvimento do ensino e da aprendizagem operacionaliza o eixo central da profissão docente e envolve a consideração de três vertentes fundamentais: planificação, operacionalização e regulação do ensino e das aprendizagens, assentes num conhecimento científico e pedagógico-didático profundo e rigoroso. Desta forma, o processo de conceção, planeamento, operacionalização e regulação do ensino e da aprendizagem constitui o cerne da atividade docente e a missão central da escola, sendo o restante trabalho desenvolvido de forma integrada e complementar a esta dimensão. Assim, as restantes dimensões não devem ser olhadas isoladamente, mas na sua esperada contribuição para a melhoria da qualidade do ensino. Desta forma, o meu papel como Professor, não foi unicamente como transmissor de conhecimentos, mas sim,

a pessoa que criou condições para que os alunos tivessem possibilidade de se identificar, compreender, analisar, sintetizar e avaliar o que aprenderam e o que irão aprender, reforçando a autonomia e a criatividade. A instrução facilitou processos autónomos e de prática guiada, sendo que a instrução direta apenas se utilizou em casos excepcionais onde uma dada metodologia foi introduzida segundo condições organizacionais desfavoráveis. A relação com os alunos foi uma relação de ajuda e de agrado, onde se pretendeu que a mesma fosse efetivamente positiva, efetuando a ligação entre o aluno, professor, escola, comunidade e encarregados de educação. No que diz respeito às estratégias pedagógicas de ensino, tentei utilizar as mais variadas possíveis, de modo a corresponder à heterogeneidade da turma e de acordo com o D.L. 240/2001 de 30 de Agosto, onde deverão ser mobilizados valores, saberes, experiências e outras componentes dos contextos e percursos pessoais, culturais e sociais dos alunos.

2.2. Definição de Objetivos

Os objetivos que me propus alcançar neste Estágio Pedagógico enquadraram-se em diferentes domínios do perfil profissional que dará a docência, sendo que desta forma me propus a abranger vários papéis que a Escola de hoje exige ao Professor no exercício da sua função. Neste sentido, procurei aprofundar e desenvolver neste Estágio Pedagógico o meu conhecimento na aplicação das técnicas didático-metodológicas, amplificar a minha capacidade de reflexão e crítica a todas as opções tomadas, e compreender a necessidade de corresponder às necessidades da turma face ao melhor progresso e aproveitamento da mesma. A consecução destes objetivos significou a melhoria do meu desempenho enquanto futuro profissional da Educação, colocando-me em condições para identificar (de forma crítica e reflexiva) soluções que permitam resolver os problemas e dificuldades que forem aparecendo no exercício da profissão que escolhi.

Posto isto, e tendo em conta a concretização dos objetivos enunciados, é de salientar que para tal, contei com o cruzamento de ideias, experiências, vivências e conhecimentos que o Professor Orientador e os meus colegas de Estágio foram partilhando comigo.

2.3. Projeto Formativo

Durante o decorrer deste Estágio Pedagógico, fui-me deparando com algumas dificuldades através das quais, com a ajuda do Professor Orientador e dos meus colegas estagiários, foram sendo pouco a pouco ultrapassadas. De referir também que a superação destes obstáculos deveu-se também à obtenção de uma certa experiência que fui adquirindo de dia para dia, ou neste caso concreto, de aula para aula, através da transmissão de conhecimentos que nos foram proporcionados, a nós estagiários, através do supervisionamento das aulas por parte do Orientador de Escola, cujo acompanhamento e aconselhamento revelaram-se incedíveis ao ponto de evoluirmos não só como pessoas, mas principalmente como profissionais desta área que é tão importante para o desenvolvimento de crianças e jovens.

Todavia, e na minha mais modesta opinião, tenho a dizer que esta minha evolução, ou este meu desenvolvimento, não se deveu apenas a uma aprendizagem ligada aos ensinamentos sábios que me foram transmitidos a partir do supervisionamento das minhas aulas. Deveu-se também a situações práticas, envolvendo outro tipo de atuação no terreno. Quero com isto dizer que ao longo do ano, foram definidas, entre todos os elementos deste Núcleo de Estágio bem como com o Orientador, formações específicas a determinadas matérias (Patinagem, Dança, Tag-Rugby e Escalada), fruto do reduzido conhecimento que cada estagiário revelava relativamente a algumas delas, daí a necessidade da adoção desta estratégia para combater essas mesmas fragilidades. Contudo, é de realçar ainda que a nossa presença em determinadas Atividades Escolares foi fundamental para a nossa formação enquanto futuros professores, devido ao contato com este tipo de ações desenvolvidas na Escola. Refiro-me especificamente à participação nas Atividades do Corta-Mato Escolar e Distrital, do Mega Atleta (Mega Sprint, Mega Salto e Mega Km) – Fase Escolar e Distrital, do Torneio Compal Air 3x3 – Fase Escolar, e da Atividade de Orientação decorrida no Parque da Cidade.

Para finalizar este tópico, e voltando ao que já foi mencionado anteriormente, volto a reforçar a ideia de que a superação das dificuldades bem como o desenvolvimento das nossas aprendizagens enquanto futuros professores deve-se a lote de experiências vivenciadas no seio de toda a Comunidade Escolar, sendo que para isso, a ajuda do Orientador de Estágio bem como dos meus colegas estagiários

tornou-se essencial para o atingir de determinados objetivos relacionados com a minha formação profissional.

2.4. Realidade do Contexto Escolar

O impacto do Estágio na realidade do contexto Escolar dependeu em grande parte do esforço deste grupo de estagiários em marcar a diferença ao mostrar-se como um elemento ativo na Escola e no processo ensino-aprendizagem, estando sempre disponível quando solicitado pela Comunidade Escolar. A meu ver, considero que isto também se enquadra na ética e no profissionalismo de um Professor e neste caso não foi diferente. Mesmo a relevância que a Escola deu ao próprio Núcleo de Estágio foi para nós importante, pois sem a colaboração da direção, professores, funcionários e alunos, muito provavelmente não se conseguiria ter um enquadramento tão bom como aquele que nós, grupo de estagiários, tivemos na Escola, sendo de salientar também que parte do êxito obtido nas atividades ou até mesmo no processo ensino-aprendizagem se deve a essa mesma colaboração.

A disponibilidade e a responsabilidade dos professores estagiários para ajudar perante a Escola foi evidente, tomando a iniciativa de realizar qualquer tarefa, sempre que possível. Deste modo, todos os elementos deste Núcleo de Estágio, eram vistos aos olhos de qualquer professor como um bom contributo para a Escola, não só pelo facto de adquirirmos uma certa importância pelas funções desempenhadas em prol dos alunos, mas também pela disponibilidade em termos de apoio para qualquer ocasião.

No que se refere ao local de prática deste Estágio, a Escola como local de aprendizagem, apresentava a meu ver, as condições ideais para a realização das aulas sendo de salientar a grande diversidade de materiais existente para a abordagem das diversas matérias que constam do Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo. Relativamente à turma, esta destacou-se claramente pela sua grandeza, sendo também evidente a existência de grupos de alunos que se distinguiam uns dos outros em termos de aprendizagens. Quanto ao ambiente e à receptividade de toda a Comunidade Escolar, senti-me bastante apoiado desde o início, apesar dos receios iniciais e por vezes durante o processo de formação, encontrando no Professor Orientador Miguel Faria, alguém sempre disponível e atento às necessidades que iam surgindo. De uma forma geral, todos os professores

do Grupo de Educação Física sempre se mostraram também muito disponíveis para ajudar no que fosse necessário e em qualquer situação, ajudando sem dúvida alguma nesta nova realidade. O Núcleo de Estágio foi também ele excelente, e mesmo apesar de numa fase inicial, não nos conhecermos, houve logo uma empatia desde o início e creio que isso foi fundamental, haver essa ligação inicial, sempre com as premissas de nos apoiarmos e ajudarmo-nos uns aos outros. Mesmo as relações com os funcionários foram muito boas, de destacar a Dona Alcina e a D. Zita, funcionárias do Ginásio que estiveram sempre em contacto connosco dando-nos o apoio necessário para que nos sentíssemos à vontade no nosso local de trabalho, já para não falar da amabilidade nos serviços prestados, e principalmente, pela motivação extra que nos foi dada, para que atingíssemos ainda com mais facilidade, aquilo a que nos propusemos para esta nova experiência de vida.

Com toda esta demonstração de boa vontade e boa fé por parte de todas estas pessoas, sem pedirem nada em troca, saio com a sensação de me ter tornado uma pessoa mais acessível, dinâmica, pronta para ajudar no que for necessário.

Não menos importante foi o contributo do Professor Orientador da Faculdade, Pedro Fonseca, que para além de se mostrar sempre disponível, pretendia principalmente desenvolver nos estagiários a capacidade reflexiva e explorações de novos caminhos e direções no ensino, mesmo sendo poucas as vezes que estivemos em contacto durante este ano letivo que passou.

Saio deste Estágio com a convicção de estar preparado para desempenhar as funções da nobre profissão de Professor, com a certeza de que farei um bom trabalho, apesar de ter um longo percurso a percorrer e ainda muito a aprender. Aproveito ainda para dar graças pelas dificuldades que surgiram ao longo desta longa caminhada, e pelo apoio incondicional que me foi dado por esta instituição de ensino, permitindo-me assim tornar numa pessoa ainda mais responsável e com boas perspetivas futuras em termos profissionais devido à experiência adquirida.

3 - ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

3.1. Planeamento

O planear sempre foi uma realidade que acompanhou a evolução histórica da humanidade. O Homem sempre pensou nas suas ações, embora não soubesse que deste modo estaria a planear. O facto de ele pensar sobre o que fez, ou o que deixou de fazer, sobre o que está a fazer e o que pretende fazer no futuro, é um ato de imaginar, pensar, refletir, por isso, não deixa de ser uma forma de planear.

No que concerne à planificação do ensino, para Carvalheira (1996), planificar é desenhar de forma estruturada o ato de ensinar. É prever, ordenar e desenhar o ato pedagógico, num processo em que professores e alunos se encontram.

O planeamento pode ainda ser entendido na generalidade como método de previsão, organização e orientação do processo de ensino-aprendizagem, é concebido como um instrumento didático-metodológico, no sentido de facilitar as decisões que o professor tem de tomar, para alcançar os objetivos a que se propõe.

Por sua vez, Bento (1998), define planeamento como *“uma reflexão pormenorizada acerca da duração e do controlo do processo de ensino numa determinada disciplina.”* O autor afirma ainda que o plano é um modelo racional, ou seja, que permite antecipadamente reconhecer e regular o comportamento atuante e que tem como funções motivar e estimular os alunos para as aulas, transmissão de vivências e experiências, racionalização da ação e também orientação e controlo.

Agora, relativamente ao trabalho efetuado no Estágio sobre este ponto, pretendia-se a elaboração de uma planificação onde estivessem expostas de forma clara as matérias a abordar durante todo o ano letivo, discriminando pormenorizadamente aspetos como: o número das aulas, a matéria a que correspondia cada uma delas e o espaço relativo à sua prática, bem como o número de aulas por semana e pelos respetivos meses do ano. De referir que para a sua preparação foi tido o cuidado de reunir documentos imprescindíveis para a sua concessão, designadamente, o calendário letivo escolar 2012/2013, os mapas de rotação dos espaços, o Programa Nacional de Educação de Educação Física e o Plano Anual das Atividades da Área Curricular de Educação Física.

Quanto à maior dificuldade revelada neste tópico, esta associou-se ao facto de toda esta planificação sofrer várias mudanças ao longo do ano letivo dada a

imprevisibilidade dos acontecimentos, o que proporciona o constante reajuste do documento, que acabou por acontecer em algumas situações durante o decorrer do período de Estágio.

3.1.1. Plano Anual

Segundo Neves e Graça (1997), é importante que os professores no início do ano letivo tenham uma visão de conjunto sobre o processo de ensino-aprendizagem a desenvolver ao longo do ano. O início do ano letivo constitui assim um momento privilegiado para que os professores iniciem a preparação do respetivo ano.

Bento (1998) refere que o plano anual tem uma perspetiva global e procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas. Os objetivos presentes no programa ou as normas programáticas de cada ano são de uma formulação avaliável e concreta para professores e alunos, mas apenas de um modo muito geral. Trata-se de delinear um plano global, integral e realista da intervenção educativa do professor, por um longo período de tempo.

Agora, no que concerne ao trabalho efetuado sobre este ponto, pretendia-se a elaboração de um documento tendo em consideração as características do meio envolvente, as características da Escola e as decisões conceptuais e metodológicas tomadas pelo Grupo de Educação Física no início do ano letivo, de acordo com os Programas Nacionais de Educação Física.

Quanto à maior dificuldade revelada neste tópico, esta associou-se ao facto de ter sido necessário recorrer a documentos de anos anteriores para a sua elaboração dada a falta de informações relativamente a determinados parâmetros, nomeadamente a aspetos relacionados com a caracterização do meio no contexto social e cultural.

3.1.1.1. Seleção das Matérias a Lecionar

Segundo o que nos apresenta Bento (1998), todo o plano anual deve apresentar uma panóplia global do que se pretende realizar no processo de ensino-aprendizagem durante um ano letivo, a um determinado conjunto de pessoas. Nesta ótica, toda a estruturação do documento tem como influência o seu local de realização – a Escola, as características das pessoas a quem se destina – os

alunos, o que está defendido nos Programas Nacionais – matérias a lecionar e a avaliação de todo processo de ensino – momentos de avaliação.

Posto isto, e no que se refere a este tópico, a seleção das matérias a lecionar teve em conta o que está estipulado no Programa Nacional de Educação Física e pelo que foi definido pela Área Curricular de Educação Física, tendo em conta os espaços disponíveis para a prática das aulas (mapa de rotatividade dos espaços) e os materiais disponíveis para a sua realização (listagem do material).

Quanto às dificuldades reveladas neste tópico, estas associaram-se à inter-relação existente entre os espaços e a grandeza da turma, o que acabou por influenciar algumas das decisões tomadas no início do ano letivo no que diz respeito à escolha da matéria a abordar. Outro aspeto importante de referir, mas desta feita sem estar associado às dificuldades reveladas, é o facto de se privilegiar a abordagem antecipada de matérias alvo de Atividades Escolares (ex.: Basquetebol e Tag Rugby), e de se privilegiar o modelo por blocos, o que faz todo o sentido, visto ser uma forma de se aproveitar o espaço de acordo com o que foi estipulado para as diferentes turmas e de acordo com as características que as mesmas apresentam.

3.1.2. Unidades Didáticas

De acordo com Bento (1998), as Unidades Didáticas são partes fundamentais do programa de uma disciplina, na medida em que apresentam quer aos professores quer aos alunos, etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem. Segundo este autor, é nesta fase que decorre a maior parte do planeamento e da docência do professor, e é aqui que deve ser explorada a sua criatividade.

Piéron (1992) refere ainda que a Unidade Didática corresponde aos períodos durante os quais a atividade se concentra numa modalidade desportiva determinada. O planeamento da Unidade Didática não deve centrar-se unicamente na matéria, mas também no desenvolvimento da personalidade dos alunos, levando-os a compreender as funções principais de cada aula. Ele deve adequar os exercícios à idade, às qualidades físicas e possibilidades de aprendizagem dos alunos, já que estes não se encontram todos no mesmo estágio de desenvolvimento ou de aprendizagem motora.

Pegando no que foi dito, e relativamente ao trabalho desenvolvido no que se refere à abordagem deste tópico, a elaboração destas Unidades Didáticas tiveram

como base os programas das disciplinas do 3º ciclo do Ensino Básico e a consulta de documentação de anos anteriores (mais especificamente Unidades Didáticas), sendo a construção de cada uma repartida entre os diferentes elementos constituintes deste Grupo de Estágio na medida em que cada um tratava das Unidades Didáticas que lhe competia para posteriormente ser partilhada com os colegas, de modo a que estes pudessem adaptar cada Unidade Didática à sua turma a partir dos resultados obtidos na Avaliação Diagnóstica, traçando assim os objetivos gerais e comportamentais desejados para a mesma. A partir da Avaliação Diagnóstica foi-me permitido também traçar a Extensão e Sequência de Conteúdos para cada Unidade Didática, de forma a programar os objetivos gerais e comportamentais, os conteúdos e as funções didáticas por aula, sendo também incluídos os momentos da avaliação de acordo com o Planeamento Anual e Plano Anual de turma. No que concerne à parte final destes documentos, foi feito, após o término da abordagem de cada matéria, um balanço alusivo aos pontos fortes e fracos, quer ao nível das estratégias aplicadas por mim, quer ao nível do aproveitamento dos alunos, para que partindo dos erros cometidos, possa melhorar a minha prestação e o meu modo de ensinar enquanto líder da turma em questão.

Em suma, posso afirmar que a elaboração destes documentos constituem portanto um dos princípios fundamentais da preparação de uma aula de Educação Física, assim como a sua sucessão lógica de exercícios fundamentais para o desenvolvimento dos alunos, de uma forma lógica e coesa, servindo com uma base e um documento de apoio para a preparação das diferentes aulas.

Quanto às dificuldades reveladas neste tópico, estas associaram-se sobretudo à preparação antecipada do documento relativamente à abordagem no terreno da matéria em questão, ou seja, aquando do início da abordagem de algumas matérias, ainda haviam dúvidas a ser esclarecidas quando a alguns aspetos a constar no documento, o que acabou por influenciar um pouco o planeamento e consequente apresentação das aulas. No entanto, é de salientar que estas dificuldades foram superadas, originando desta forma um melhoramento em termos de planeamento e apresentação das diferentes aulas a lecionar para as diversas matérias.

3.1.2.1. Estratégias de Ensino

Segundo Siedentop (1998), “... *uma estratégia é melhor que outra porque é mais adequada a um contexto particular e porque satisfaz, de maneira particularmente eficaz, as necessidades desse contexto*”. Desta forma, todas as estratégias implementadas nas Unidades Didáticas deverão respeitar o contexto, a caracterização da turma e os diferentes ritmos de aprendizagem, tal como os diferentes níveis de aprendizagem estabelecidos (introdutório, elementar e avançado). Na seleção das estratégias de ensino o professor deve considerar também a autonomia do aluno e os recursos espaciais, temporais e materiais disponíveis.

De acordo com o que foi dito, e sobre o trabalho desenvolvido em torno deste tópico, tenho a dizer que as estratégias definidas na abordagem das diferentes matérias foram tidas em conta a partir dos resultados obtidos nas respetivas Avaliações Diagnósticas, no sentido de solucionar diversas formas de evolução das aprendizagens dos alunos bem como potenciar uma organização das aulas que assegure essa mesma evolução (utilização das mesmas estratégias do início ao fim da Unidade, caso resultem).

Quanto às dificuldades reveladas neste tópico, estas associaram-se à utilização de estratégias pouco eficazes, que resultaram em situações que prejudicaram em parte o bom funcionamento das aulas, ou seja, dado o insucesso da sua aplicação, os alunos não corresponderam ao que foi estipulado por mim da forma mais apropriada. No entanto, aquando da existência deste tipo de situações, outras estratégias eram aplicadas de modo a que estas fossem de encontro aos objetivos traçados quer para mim, quer para a turma.

3.1.2.2. Estilos de Ensino

Os estilos de ensino em Educação Física atingiram o seu impacto com o aparecimento do Spectrum de Mosston e Ashworth (1994), onde se relativizou a importância de um ensino centrado no professor ou um ensino centrado no aluno.

O professor por natureza poderá possuir um pensamento, uma mentalidade, uma metodologia de ensino das modalidades desportivas de desportos coletivos e/ou individuais. Porém, essas metodologias representam um conjunto de intenções do professor que não se aplicam a todas as turmas, a todos os momentos e a todos os níveis de proficiência. Neste ponto, o professor utiliza um estilo de ensino mais ou

menos pertinente e em consonância com a matéria de ensino que pretende lecionar, com os conteúdos solicitados, com o grupo de alunos, com o ano de escolaridade, com o grau de maturação dos seus alunos, entre outros.

Poder-se-á dividir os estilos de ensino em duas categorias distintas, nomeadamente, a de reprodução de conhecimento (ensino por comando, tarefa, recíproco, autoavaliação, inclusivo) e a de produção de conhecimento (ensino por descoberta guiada, descoberta convergente, produção divergente, programa individual, ensino iniciado pelo aluno, autoensino).

É com base no que foi dito que as minhas aulas foram planeadas, adotando a utilização dos diferentes estilos de ensino como uma das estratégias utilizadas ao longo da abordagem das diferentes Unidades Didáticas.

Quanto às dificuldades reveladas neste tópico, estas associaram-se a uma utilização nem sempre bem conseguida de um ou outro estilo de ensino. Como exemplo posso referir que a utilização do estilo de ensino por descoberta guiada utilizado nas primeiras aulas da Unidade Didática de Ginástica de Acrobática não correu como o previsto, dada a excessiva autonomia dada aos alunos para um início de matéria, o que não convém (à exceção daqueles casos em que seja uma turma que domine por completo a matéria em questão, possibilitando assim um trabalho mais autónomo por parte da mesma). Este foi apenas um de alguns casos decorridos ao longo do Estágio, todavia, e tal como em situações anteriores, isto foi resolvido através da aplicação de um outro tipo de estratégias, neste caso, outro tipo de estilos de ensino, que de certa forma ajudou a melhorar a organização das aulas e conseqüentemente, o seu planeamento.

3.1.3. Planos de Aula

Segundo Bento (1998), “... a aula é realmente o verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da ação do professor”. Gomes e Matos (1992) refere que o plano de aula deve conter a organização das situações de aprendizagem, de um modo coerente, incorporando as decisões tomadas, tendo em conta os alunos e a matéria de ensino, com as suas potencialidades educativas no cumprimento das exigências didáticas metodológicas fundamentais. Antes do início da sessão, o professor já deve possuir um projeto da forma como ela deve ocorrer, constituído por decisões fundamentais, tais como a definição clara dos objetivos gerais e intermédios, a escolha e a ordem

das atividades e dos métodos, quais os pontos fulcrais da aula, quais as principais tarefas didáticas, que estratégias utilizar para motivar os alunos, formações e repartição dos postos de trabalho a privilegiar, etc. Só assim, é possível realizar um trabalho sistemático, regular e consciente de educação e formação.

Devido ao carácter exclusivo das aulas de Educação Física, é necessário que o professor tenha também em consideração as condições climatéricas, bem como o estado e número de instalações, de locais e materiais desportivos.

Posto isto, e no que se refere a este tópico, posso considerar o Plano de Aula como o elemento mais básico de toda uma planificação. Trata-se de um documento que servirá como um auxiliar na preparação e condução de uma aula. Será diretamente aplicado no “terreno”, na parte prática do planeamento que é a aula. Durante o Estágio, este foi sem dúvida, o elemento do Planeamento a que dediquei mais tempo, e onde houve uma maior preocupação na sua elaboração e prossecução. Tive sempre especial atenção para que os inúmeros aspetos da aula decorressem da melhor forma, havendo assim uma preocupação na sua estruturação, perspetivando sempre uma boa produtividade e evolução dos alunos, assim como um bom empenho motor e uma boa organização, tentando sempre que não se perdesse muito tempo entre as transições de exercícios, até porque como esta era uma turma com um elevado número de alunos qualquer tipo de paragens poderia ser motivo de desordem. Assim, o plano teria obrigatoriamente de ser sempre muito bem pensado e estruturado.

Os planos de aula poderão ser passíveis de alteração por parte do professor e como tal, quando sentia que era o momento para o fazer, procedia aos devidos reajustes, principalmente quando via que o que estava planeado não se adequava ao momento ou à reação dos alunos à tarefa proposta, como por exemplo aumentar ou diminuir o grau de dificuldade de um determinado exercício ou tarefa.

Pegando nas palavras do parágrafo anterior, elas podem transcrever exatamente as dificuldades sentidas por mim relativamente a este ponto, ou seja, foram estes reajustes efetuados aos planos, no decorrer das aulas, que causaram, na minha opinião, grandes motivos de reflexão devido à sua correta/incorrecta utilização dependendo do contexto em questão. De certa forma, e parecendo que não, isto ajudou-me a melhorar ainda mais a minha intervenção sobre os alunos e o modo de tomada de decisões relativamente aos diferentes momentos das aulas.

3.2. Avaliação

A avaliação faz parte integrante da prática educativa, assumindo-se como a recolha sistemática de informações e análise das mesmas e apresentando-se com uma função reguladora, permitindo a tomada de decisões adequadas à melhoria da qualidade das aprendizagens. Tendo como pressuposto que, a avaliação deve promover o sucesso de todos os alunos, na medida em que descreve as competências já desenvolvidas e os objetivos atingidos, possibilitando ao professor identificar as dificuldades dos alunos, tornando, deste modo, a avaliação também é informativa. De acordo com Ribeiro (1999), *“A avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções”*. É pois, atualmente, uma das finalidades da avaliação, apoiar o processo ensino-aprendizagem. A partir desta análise da realidade, pretende-se que sejam tomadas decisões sobre o que fazer para superar os problemas constatados, percebendo as necessidades do aluno e intervir para ajudar a superar as suas dificuldades, efetuando reajustamentos ao processo ensino-aprendizagem, através da seleção de metodologias e recursos. Por outro lado, fornecer aos alunos oportunidades para analisarem o seu trabalho, para tomarem consciência daquilo que sabem, como sabem e como aprendem, por forma a superar as dificuldades e a delinear estratégias de estudo e de trabalho, para que possam definir formas de aprender mais e melhor, ou a apreciar os seus trabalhos.

A meu ver, a avaliação continua a ser a função mais frágil e difícil que se apresenta a cada um dos seus intervenientes: avaliado ou avaliador. Todavia esta é uma condição imprescindível, é um meio de guiar o processo e o produto de ensino, e só assim se poderá alterar alguma falha e tornar o processo ensino-aprendizagem mais eficaz. A avaliação pretende, acima de tudo, acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que o aluno já possui, o que foi conseguido durante as aprendizagens e o que falta alcançar, ou mesmo o que está a levantar dificuldades, procurando-se encontrar novas estratégias em busca de uma melhor performance e uma melhor aprendizagem do aluno. Assim, com uma avaliação eficaz é possível verificar se o aluno está a ir de encontro aos objetivos e mostrar que conhecimentos, aptidões e atitudes os alunos têm ou adquiriram. Ao professor de Educação Física cabe fazer um bom uso de

todas estas componentes avaliativas e saber usá-las de um modo justo, válido e fiável para os seus alunos e, na minha opinião isto depende muito da prática e do tempo de prática. De acordo com o que foi dito, e sobre o trabalho desenvolvido em torno deste tópico, tenho a dizer ainda que os tipos de avaliação utilizados durante o decorrer do Estágio foram: a avaliação diagnóstica (ou inicial), formativa e sumativa. A avaliação diagnóstica teve como objetivo definir o nível de desenvolvimento dos alunos e distribuí-los, se assim se justificasse, em grupos de aprendizagem. A avaliação formativa consistiu no acompanhamento permanente da atuação dos alunos, adequando a minha atuação às necessidades verificadas. Geralmente era atribuído um item qualitativo para a designar. E por fim, a avaliação sumativa esteve relacionada com o resultado atingido pelo aluno, sendo atribuído um valor numérico no seu final. Ao nível do processo utilizado, a avaliação, na sua globalidade, foi efetuada pela observação direta, sendo apenas a avaliação formativa efetuada indeferidamente.

Quanto às dificuldades reveladas neste tópico, estas associaram-se sem dúvida nenhuma, à heterogeneidade existente na turma ao nível das aprendizagens dos diferentes alunos, o que condicionou de certa forma, a minha maneira de atuar perante os mesmos, levando à criação de diferentes objetivos para cada grupo de alunos consoante o nível apresentado por cada um deles.

3.2.1. Avaliação Diagnóstica

A Avaliação Inicial é a primeira fase do processo ensino-aprendizagem. O seu objetivo é classificar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes áreas da Educação Física, nomeadamente a dos conhecimentos, a das matérias e a da aptidão física; classificando os alunos segundo três níveis e situando cada um num nível específico para que se possa estabelecer grupos de nível: nível introdutório (I); nível elementar (E); e nível avançado (A).

É um processo decisivo pois, para além de permitir a cada professor orientar e organizar o seu trabalho na turma, possibilita assumir compromissos coletivos, aferindo decisões anteriormente tomadas quanto às orientações curriculares, adequando o nível de objetivos e/ou procedendo a alterações ou reajustes na composição curricular, para que os alunos alcancem os objetivos e finalidades pretendidos nos diferentes domínios da Educação Física propostos no Programa

Nacional da Educação Física. Relativamente à sua aplicação no decorrer do Estágio, esta foi introduzida nas primeiras quatro semanas do ano letivo.

Quanto às fragilidades reveladas neste tópico, estas associaram-se à dificuldade evidenciada por mim em avaliar os alunos, visto que ainda não os conhecia e era-me difícil associar o nome do aluno à pessoa em questão, o que me dificultou de certa forma todo este processo avaliativo inicial.

3.2.2. Avaliação Formativa

No que diz respeito à Avaliação Formativa, segundo Ribeiro (1999), é a forma de determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução. Realça-se aqui a ideia de que esta avaliação necessita de ser continuada. O Despacho Normativo nº 1/2005 (artigo 19), reforça que é a modalidade de avaliação que assume carácter contínuo e sistemático, pelo que deverá acompanhar permanentemente o processo de ensino-aprendizagem: na recolha de dados referentes às dificuldades dos alunos e ao processo; na interpretação dos dados numa perspetiva diagnóstica e criteriosa dos fatores que originam as dificuldades observadas no aluno; adaptação do processo em função dos dados recolhidos. Desta forma, afirmamos que esta avaliação torna-se fundamental para a melhoria, aperfeiçoamento e conseqüente qualidade da aprendizagem.

A Avaliação Formativa tem também como finalidade identificar e descrever os sucessos e as dificuldades dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, bem como, de dar conhecimento desses factos aos alunos.

Para o professor, a Avaliação Formativa orienta e regula a prática pedagógica, uma vez que se propõe analisar e identificar a adequação de ensino com o verdadeiro aprendizado dos alunos. Bell e Cowie (2001) definem como um processo bidirecional entre professor e aluno para aprimorar, regular e orientar a aprendizagem.

A Avaliação Formativa permite avaliar em todos os momentos letivos. Cada movimento do aluno é observável pelo professor que o avalia imediatamente e de forma construtiva. Relativamente à sua aplicação no decorrer do Estágio, esta foi realizada de forma indeferida, logo após o término das aulas.

Quanto às dificuldades reveladas neste tópico, estas verificaram-se sobretudo no registo de informações sobre a prestação dos diversos alunos que constituíam a turma. Posteriormente, e como solução para este problema, optei por registar apenas as atitudes e evoluções que mais marcaram as aulas, destacando apenas os alunos envolvidos nessas circunstâncias (pela negativa ou positiva).

3.2.3. Avaliação Sumativa

Este tipo de avaliação tem como objetivo principal certificar (validação das aprendizagens) que os alunos são portadores de aprendizagens já adquiridas.

Segundo Ribeiro (1999), esta modalidade de avaliação: informa os assuntos ou objetivos mais difíceis de ensinar e aprender para a generalidade dos alunos; informa o sucesso ou insucesso das metodologias utilizadas; e permite comparar resultados globais de processos de aprendizagem ou métodos aplicados a grupos semelhantes, ou diferentes, avaliando o próprio processo de ensino-aprendizagem; é um instrumento de tomada de decisão.

De acordo com o artigo 24 do Despacho Normativo nº 1/2005, a avaliação sumativa procede a um balanço globalizante do desenvolvimento das aprendizagens e competências adquiridas para cada disciplina ou área curricular.

Alguns autores referem que a avaliação formativa e a sumativa se complementam, não só do facto de permitir uma visão de síntese, mas, também, de acrescentar dados à primeira avaliação, pois a última é mais global e está mais distante no tempo, relativamente ao momento em que as aprendizagens ocorreram, o que permite avaliar a retenção dos objetivos mais importantes e verificar a capacidade de transferência de conhecimentos para situações novas.

Nesta modalidade de avaliação é decisiva uma escolha criteriosa de objetivos relevantes, de acordo com critérios de representatividade e de importância relativa de modo a obter uma visão de síntese.

A Avaliação Sumativa, tratando-se de um juízo global e de síntese, deve dar particular importância à avaliação dos objetivos curriculares mínimos, quer definidos nos programas nacionais quer no âmbito das escolas. É, por estas razões, a modalidade de avaliação que melhor possibilita uma decisão relativamente à progressão ou à retenção do aluno pois compara resultados globais, permitindo verificar a progressão de um aluno face a um conjunto lato de objetivos previamente

definidos. Relativamente à sua aplicação no decorrer do Estágio, esta foi introduzida na última aula de cada Unidade Didática através da elaboração de quadros cujo preenchimento se destinava à atribuição de classificações a todos os conteúdos alvo de avaliação, e que foram previamente abordados no decorrer das restantes aulas lecionadas para cada uma das matérias.

Quanto às dificuldades reveladas neste tópico, estas comparativamente com os tópicos anteriores, já foram mais reduzidas, dado o acompanhamento constante realizado aos diversos alunos durante o decorrer da abordagem das diferentes Unidades Didáticas, no entanto, outras dificuldades verificadas “prendem-se” com aspetos relativos a dúvidas existentes quando à atribuição de um dado valor numérico a um conteúdo avaliado. Isto acontece porque nem sempre os parâmetros utilizados na avaliação dos conteúdos são elaborados da forma mais correta, suscitando por vezes algumas dúvidas na atribuição desses valores, como aconteceu em algumas situações.

3.3. Intervenção Pedagógica

Este tópico refere-se a todo um trabalho de campo realizado para com os alunos, onde foi aplicada toda uma vasta bagagem de conhecimentos que me foram transmitidos ao longo de todo o meu percurso académico, e também a partir da aprendizagem que adquiri através de relatos da experiência vivenciada pelo Orientador de Estágio no decorrer destes anos ao serviço desta Escola. Posso dizer que senti uma evolução gradual da minha parte nos diversos domínios que serão apresentados de seguida, sendo de salientar que para o sucedido, muito se deveu à ajuda, acompanhamento e ensinamentos do meu Orientador de Estágio, e da partilha de saberes e opiniões com os restantes colegas estagiários.

3.3.1. Instrução

A Instrução compreende, segundo Aranha (2007), intervenções do professor relativas à matéria de ensino e à forma de realizar o exercício, a tarefa ou a atividade. O momento da instrução congrega quatro ações importantes, a preleção, a demonstração, o feedback e o questionamento.

De acordo com o que foi dito, e sobre o trabalho desenvolvido em torno deste tópico, enumero alguns dos procedimentos sobre os quais as minhas aulas se

debruçaram. Os alunos à chegada eram colocados em semicírculo, virados para o Professor e, preferencialmente de costas para os focos de distração. Assim, o meu posicionamento face aos alunos implicava estar visível mantendo um contacto visual com todos eles e vice-versa. Nesta a fase de instrução utilizava uma linguagem clara, concisa e adequada ao nível dos alunos, possibilitando a estimulação de novos vocábulos. Também neste momento, eram apresentados os conteúdos da aula e os conteúdos relativamente à aula anterior (para que os alunos fossem esclarecidos de algumas dúvidas existenciais), os critérios de êxito, os objetivos específicos, as regras de conduta e os critérios comportamentais para que o funcionamento da sessão fosse de domínio dinâmico e não constantemente quebrado (estático). Face às características da turma, eram ainda tidos em conta outros aspetos de grande relevo, nomeadamente: a heterogeneidade, a emissão de avisos gestuais e sonoros de reunião para o posicionamento dos alunos no espaço, a projeção vocal, a utilização de meios gráficos, a aplicação da instrução em momentos estritamente necessários e adaptação do feedback aos níveis de proficiência existentes nas várias matérias lecionadas. Estas estratégias aplicadas permitiram-me efetuar momentos de grande valor informacional, sempre focalizados para o processo principal, ensinar.

Para terminar, e sintetizando tudo o que foi dito relativamente a este tópico, tenho a dizer que foi notória a minha evolução ao longo das aulas, sendo a redução do tempo de instrução durante a aplicação das diversas situações descritas em cima, uma clara prova disso mesmo.

Quanto às dificuldades reveladas neste tópico, estas verificaram-se sobretudo na instrução realizada nas aulas de 45 minutos. O tempo de prática já em si é demasiado curto, e conseqüentemente, há a necessidade de arranjar estratégias para encurtar o máximo possível o tempo dedicado à instrução, prevalecendo assim o tempo de prática, o que aumenta o tempo de empenhamento motor. Todavia, estas situações (de curta instrução) podem ser suficientes para a não compreensão, ou não assimilação de determinados aspetos relativos à matéria abordada, levando na grande maioria das vezes a uma incorreta execução por parte dos alunos quando confrontados com a sua aplicação prática, daí as dificuldades evidenciadas por mim numa correta gestão/controlo deste domínio.

3.3.2. Gestão Pedagógica

“A gestão eficaz de uma sessão consiste num comportamento do professor que produza elevados índices de envolvimento dos alunos nas atividades das aulas, um número reduzido de comportamentos inapropriados, e, o uso eficaz do tempo de aula.” (citação retirada dos apontamentos lecionados pela Prof. Elsa Silva em Didática em Educação Física e do Desporto Escolar).

Tal como aconteceu anteriormente, e de acordo com a citação acima transcrita, sobre o trabalho desenvolvido em torno deste tópico, enumero alguns dos procedimentos sobre os quais as minhas aulas se debruçaram. Antes do começo da aula tive sempre como preocupação a preparação de todo o material necessário para a lecionação da mesma e, quando possível, a preparação dos espaços consoante as matérias a implementar possibilitando um aumento de tempo útil. Para o tempo consumido na transição de exercícios, na colocação de material e na descrição das tarefas, utilizei os alunos como agentes de ensino (arrumação e colocação do material), aumentando assim, também o tempo útil de aula e a responsabilização do aluno com as tarefas propostas, avaliando a área dos conhecimentos na dimensão de atitudes e valores. Em fases de demonstração das tarefas utilizei, algumas vezes, os alunos como agentes de ensino, justificando esta estratégia devido ao diferencial de execução motora do professor para o aluno. Esta estratégia acabou por se tornar de algum modo motivadora porque os alunos escolhidos acabaram por demonstrar perante os restantes que sabiam executar, assim sendo, tive o cuidado de escolher diferentes alunos para que muitos possam experienciar o sucesso de transmissão de conteúdos. Para uma rápida e fluída transição dos processos intra e inter exercícios apliquei sinais de reunião, para que a esse sinal os alunos soubessem exatamente o que cumprir evitando comportamentos de desvio. Quanto à monitorização esta foi sendo realizada pela periferia dos exercícios e sempre que necessário deslocava-me ao centro para proceder à instrução.

Para terminar, e sintetizando tudo o que foi dito relativamente a este tópico, tenho a dizer que foi também evidente a minha evolução ao longo das aulas, sendo todavia o domínio onde revelei mais dificuldades.

Pegando então no que foi dito, e relativamente às dificuldades reveladas neste tópico, estas relacionaram-se sobretudo com a gestão do tempo. O facto de a turma

ser numerosa e o facto de a aplicação de algumas tarefas ser motivo de maior “euforia” por parte dos alunos, proporciona algum descontrolo em termos organizativos que acaba por se refletir numa gestão inadequada do tempo, tal como aconteceu em algumas situações no decorrer do Estágio (faltou a criação de rotinas e regras mais consistentes).

3.3.3. Clima/Disciplina

Os momentos de contacto com o aluno são sem dúvida, momentos cruciais para o estabelecimento do vínculo e da transmissão dos limites existentes na relação dual, Professor-Aluno. A dimensão Clima, engloba portanto, aspetos relacionados com as interações pessoais, com as relações humanas e ambientais. O professor deve apresentar-se com um ser humano consistente, credível, exigente, positivo e entusiasta. Relativamente à dimensão Disciplina, esta direciona-se para o tipo de comportamento realizado pelo aluno, podendo, dividir-se em comportamentos apropriados e inapropriados. Por sua vez, estes últimos (inapropriados) subdividem-se em comportamentos fora da tarefa (que devem ser ignorados sempre que possível) e comportamentos de desvio (que são considerados comportamentos de indisciplina). Segundo Piéron (1996, pp.56) “... existem aulas em que a indisciplina toma tais proporções que se põe em risco tanto a qualidade do ensino como a das aquisições dos alunos”.

Relativamente ao trabalho desenvolvido em torno deste tópico, e ao contrário do que aconteceu com os dois anteriores, através da enumeração dos procedimentos adotados por mim nas aulas, eu tenho a dizer que o facto de a turma ser bastante numerosa, de certa forma iria comprometer em muito o meu modo de agir e a minha própria maneira de ser, visto que eu como pessoa sou extremamente calmo e pouco me exalto. Contrariamente ao esperado, isso não aconteceu, e a turma revelou-se ao longo das aulas, merecedora de uma confiança considerável visto não existirem qualquer tipo de casos associados a problemas de indisciplina, à exceção de um ou outro comportamento de certos alunos em algumas aulas, mas isso eu considero normal e não é razão para me fazer retirar este estatuto à turma. Ainda relacionado com isto que foi dito, é de salientar também que de algum modo, isso contribuiu para o bom funcionamento de grande parte das aulas lecionadas ao longo deste Estágio. No sentido de salvaguardar possíveis comportamentos perturbadores, recorri,

sempre que necessário, a estratégias que serviam de castigo para esse tipo de ações, surgindo em muitos casos como uma solução adequada para voltar a ter a atenção do aluno em questão ou até mesmo de toda a turma, o que acabava em muitas situações, por motivar o controlo absoluto sobre a mesma.

Para terminar, e sintetizando tudo o que foi dito relativamente a este tópico, tenho a dizer que foi também evidente, assim como nas outras dimensões anteriores, alguma evolução revelada da minha parte ao longo das aulas, sendo o controlo e a ligação que eu tinha com a turma a maior prova disso mesmo.

Quanto às dificuldades reveladas neste tópico, tenho a destacar, tal como já foi mencionado, a presença de um ou outro comportamento destabilizador por parte de alguns alunos que de certa forma, foram razões mais que suficientes para perturbar o resto da turma, e conseqüentemente, o bom desenrolar de algumas sessões. Isto originou o aparecimento de outros problemas, desta feita relacionados com a gestão do tempo, sendo tudo motivado por estas ações de indisciplina por parte de alguns alunos. Contudo volto a reforçar o que já havia dito sobre o facto de esta turma ser bastante dedicada e respeitadora, mesmo tendo em conta o número elevado de alunos que fazem parte da mesma.

3.3.4. Decisões de Ajustamento

A teoria da Decisão consiste num estudo da natureza e forma, como as decisões são, ou deverão ser tomadas (Januário, 1996). A aplicação desta teoria, ao nível do processo de Ensino-Aprendizagem, confere uma importância no que diz respeito à tomada de decisão, às suas fontes e influências, aos processos de recolha e tratamento da informação, bem como o estudo do objeto e do produto obtido (a decisão).

Deste modo, relativamente ao momento de interação pedagógica do professor, Januário (1996) classifica as decisões de ensino em três tipos: a) antes da interação na aula; b) durante a interação; c) após a aula.

Para Januário (1996), um episódio de ensino é definido pelo tempo dedicado a uma situação de prática dos alunos e pelos atos de ensino que originam e que a acompanham. Assim, e segundo o autor, as decisões tomadas antes da interação na aula correspondem às decisões de planeamento. As decisões tomadas durante a interação são denominadas decisões de ajustamento, e são executadas a partir do

momento de contacto e interação Professor-Aluno. Constatam-se decisões de ajustamento, tomadas face a uma eventualidade de discrepância ou alterações relativamente às decisões previamente pensadas.

Relativamente ao trabalho desenvolvido em torno deste tópico, considero que por vezes os professores efetuam escolhas racionais, em função de fins e de meios disponíveis, representam estratégias, traçam cenários e antecipam algumas situações que ocorrem durante o processo de ensino, para em seguida formularem alternativas para a resolução desses problemas, que foi o que aconteceu comigo em determinadas situações ocorridas ao longo do Estágio. A existência dessas alternativas está associada à capacidade de se prever e de se representar vários cenários de ensino, de mobilidade intelectual e de uma atitude de antecipação.

Pegando agora num simples exemplo associado à preocupação em estruturar um plano “B”, face às incertezas climatéricas, pode-se concluir que esta é uma atitude que por si só, já revela uma decisão, uma reflexão e um plano a colocar em prática na fase interativa.

Para terminar, e sintetizando tudo o que foi dito relativamente a este tópico, tenho a dizer que as decisões de ajustamento que coloquei em prática ao longo do Estágio Pedagógico tiveram sempre como base o cumprimento integral dos objetivos operacionais, quer do exercício quer dos objetivos planeados para a sessão. Procurei também, ter em atenção a adequação dos conteúdos, dos meios e das formas metodológicas propostas, procedendo a ajustamentos nos grupos, no tempo atribuído ao exercício, nas progressões e no grau de dificuldade das tarefas. De certa forma a tomada destas decisões garantiu um evoluir do meu modo de agir mediante diferentes circunstâncias, o que foi garantido através de toda a experiência vivenciada na lecionação de diversos tipos de aulas ao longo deste Estágio.

Quanto às dificuldades reveladas neste tópico, estas verificaram-se ao nível da tomada de algumas dessas decisões. Inicialmente, tudo parecia mais complicado, independentemente da situação em questão (ou devido às condições climatéricas, ou porque faltavam alunos para completar a organização da tarefa, etc.). O facto é que as coisas pouco a pouco foram mudando, e com o ganho de alguma experiência, comecei a ser capaz de resolver autonomamente problemas que para mim pareciam um enorme quebra-cabeças, e isso diz tudo relativamente ao meu desenvolvimento enquanto professor.

3.4. Atitude Ético-Profissional

Ética e profissionalismo deverão sempre acompanhar um Professor. São valores que deverão estar sempre presentes no seu quotidiano e nada melhor que este ano de Estágio para me familiarizar com estas importantes componentes e fazer delas a minha própria bandeira.

Ser Professor não é uma mera profissão. É uma vocação, é uma resposta ao pedido dos Pais e da Sociedade para apoiar e a orientar a formação/educação das gerações futuras. O Professor deve possuir um perfil baseado nas quatro grandes dimensões delineadas no Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto.

Para Estrela (2003), *“a formação ética dos professores, quer inicial, quer contínua, poderá dar um contributo decisivo para o salto qualitativo que representa a passagem da consciencialização para a conscientização (...) e poderia partir da reflexão sobre as situações de ensino que devem ser exploradas e questionadas à luz da ética pessoal e profissional, elas próprias sujeitas a reflexão e questionamento (...), e ser confrontadas com o pensamento de grandes pensadores da ética”*.

As dimensões éticas são consideradas como importantes no nosso sistema educativo e estão presentes em vários documentos legislativos, quer no que respeita à formação dos alunos, quer no que respeita à formação dos professores, sendo consideradas relevantes para o exercício profissional.

Segundo o Perfil de Desempenho do Docente (D.L. 240/2001 de 30 de Agosto), este assenta em pressupostos como o saber específico, tendo como função muito específica, o ensino, apoiado na investigação e na reflexão partilhada.

Fazendo agora um retrospectiva de todo o meu percurso nesta “aventura” que me foi proporcionada nesta Escola, considero que mantive uma atitude responsável com todos os atores com quem interagi, e fui igualmente pontual e assíduo. Mostrei-me empenhado na participação dos trabalhos de grupo, contribuindo para a sustentação de uma posição consensual, respeitando as opiniões dos meus colegas. Mostrei-me sempre disponível para responder às questões impostas pelos meus colegas. E por outro lado, procurei também, manter uma postura de incentivo e positivista face aos constrangimentos que foram surgindo ao longo deste desafio.

3.5. Aprendizagens Adquiridas

Chegada ao fim mais uma etapa, após o término deste Estágio, considero que todas as aprendizagens adquiridas ao longo do mesmo foram importantes, no sentido em que tornar-se-ão certamente, mais-valias para o meu futuro enquanto Professor. Mais do que a transmitir conhecimento, senti que estava realmente a aprender, e isso significou muito para mim, na medida em que criei uma ligação muito forte com a turma que acompanhei durante este desafio que foi o Estágio, o que me permitiu a obtenção de alguma experiência na funções de docente, bem como o meu desenvolvimento quer a nível pessoal quer a nível profissional. Quando iniciei este Estágio mentalizei-me desde cedo que iria ser um ano de esforço e de grande exigência, e com isto, “agarrei-me” a este desafio com a condição que iria tentar reter o máximo de conhecimento que pudesse obter, superando todas as adversidades sempre de forma humilde e trabalhadora.

Um dos fatores importantes, ou senão o mais importante, e que de uma maneira geral contribuiu para o meu desenvolvimento enquanto professor durante a realização deste Estágio foi a lecionação das aulas, pelo simples facto de ser nestes momentos em que aplicava todos os meus conhecimentos com o intuito de assumir um papel de extrema importância como educador de um grande grupo de alunos, ajudando-os de certa forma ao desenvolvimento das suas aprendizagens. Com o passar do tempo, e de aula para aula, fui revelando melhorias significativas em diversos aspetos, proporcionando desta forma a lecionação de aulas de melhor qualidade, independentemente da matéria a abordada. E para isso, em muito contribuiu a definição e posterior aplicação de estratégias que visassem o seu bom funcionamento, partindo sempre do princípio que o principal objetivo era ensinar. Isto proporcionou-me a tal “ligação” afetiva para com a turma já mencionada anteriormente, muito importante para garantir um clima de aula bastante agradável.

Relativamente à elaboração dos diferentes documentos de apoio (planos de aula, unidades didáticas, caracterização da turma, etc.), estes revelaram-se também eles de extrema importância, na medida em que tomei conhecimento da tal evolução já referida acerca do meu desempenho como professor, nomeadamente através da perceção de pequenos detalhes que influenciaram positivamente a aprendizagem dos diferentes alunos. Apercebi-me também da sua verdadeira finalidade, já que

estes mostraram-se bastante úteis ao longo de todo o ano e mostraram-me na prática a verdadeira interligação que existe entre eles.

A comunicação foi também um dos ganhos mais importantes deste Estágio. Do meu ponto de vista, considero que a seleção e transmissão da informação mais importante para o aluno realizar uma tarefa de forma correta e motivada, objetiva e eficaz foi um dos meus maiores ganhos. A recorrência a um uso variado de feedbacks e a sua utilização pertinente e na altura certa, proporcionaram momentos cuja minha intervenção revelou-se preponderante para garantir uma rápida aprendizagem por parte dos alunos. De referir que a minha colocação no espaço ao longo das aulas em muito contribuiu para essa utilização constante de feedbacks, pelo facto de garantir uma visão privilegiada sobre toda a turma, intervindo assim sempre que necessário.

No que concerne à avaliação, esta, mais do que me mostrar as necessidades dos alunos ou a sua classificação qualitativa ou quantitativa, serviu também para me avaliar a mim enquanto professor. Questões do tipo: “O que correu bem?”; “Onde poderia melhorar para que os alunos melhorassem também?”, entre muitas outras, foram de todo, uma boa base para o meu melhoramento e aperfeiçoamento enquanto professor, ajudando-me a progredir ainda mais nas diversas dimensões.

Pegando em tudo o que dito, e em relação à realidade da turma e aos objetivos traçados por mim para este Estágio, considero que neste momento sou uma pessoa que se sente cada vez mais capaz de fazer melhores escolhas de forma a garantir o sucesso e motivação por parte dos alunos de aula para aula.

Considero também que com estas aprendizagens e competências ético-profissionais me tornei mais competente e mais consciente na minha intervenção e atuação enquanto Professor. A meu ver, penso que é importante mostrar interesse pelo que se leciona e mostrar interesse pelos alunos e refletir sobre o que realmente é necessário para ensinarmos.

Mudando agora um pouco as minhas palavras iniciais, julgo que no fundo, a minha autocrítica foi a minha maior aprendizagem, pois permitiu-me abrir os horizontes e ver que aspetos precisava realmente de aperfeiçoar de forma a tornar-me um melhor professor e dar aos alunos o que eles realmente necessitavam.

3.6. Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução

Uma das principais dificuldades sentidas por mim começou logo no início com dúvidas e incertezas relativamente a esta nova realidade que foi o Estágio. Para além da alegria e da motivação de começar um capítulo bem importante para a minha vida profissional existiu sempre algum receio, talvez o receio do desconhecido, e sem dúvida que para a superação desta dificuldade o Professor Orientador Miguel Faria foi uma mais-valia no sentido em que me elucidou sobre esta nova realidade que encontrei, na tentativa de me deixar o mais à vontade possível, o que acabou por resultar na perfeição visto que com o passar do tempo e com esta forma de receção, as dúvidas e receios foram-se desvanecendo.

Relativamente às metodologias a utilizar e à documentação elaborada pelo Grupo de estagiários, senti que de alguma forma existiram dificuldades na sua aplicação prática, mas mais numa fase inicial também. Com o desenrolar do Estágio, e através da entajuda existente entre o Orientador e os restantes colegas estagiários, isto motivou um trabalho mais cooperativo, sendo este aspeto um foco muito importante de se salientar e que de algum modo ajudou a superar muitas das dificuldades que foram surgindo ao longo desta experiência.

No que diz respeito à minha intervenção pedagógica, tive algumas dificuldades ao nível da instrução, nomeadamente no que se refere à utilização de uma linguagem mais técnica em algumas das matérias abordadas, e ao nível das decisões de ajustamento que tinham que ser tomadas em detrimento das circunstâncias apresentadas no decorrer de algumas aulas. No entanto, e com o ganho de alguma experiência, fui pouco a pouco ultrapassando essas adversidades e melhorando cada vez mais a qualidade das minhas aulas. É certo que estas nem sempre correm como o esperado, mas o que eu quero dizer é que já revelava melhorias bem evidentes no que se refere às dificuldades mencionadas.

Para finalizar mais um tópico, e aludindo agora àquela que foi, a meu ver, a minha maior dificuldade neste Estágio, refiro-me à gestão do tempo na articulação de atividades pessoais com a vida desenvolvida no Estágio. Existiram certos momentos em que me sentia desmotivado pelo facto de ter muito para fazer, muito em que trabalhar e achar que não teria tempo suficiente para tal. Foi um ano inteiro a batalhar, e o espírito de sacrifício demonstrado foi evidente, no entanto sentia que faltava algo, e que a certo ponto não ia conseguir superar as expetativas que tinha

relativamente ao Estágio. É certo que foi um ano de árduo trabalho, e que cada pessoa tem as suas fases, todavia, o facto de eu estar inserido num Núcleo de Estágio com a dimensão que este teve, isso foi capaz de me “transformar” mudando a minha maneira de ver as coisas, o que me permitiu aplicar-me ainda mais a fundo para que o êxito neste Estágio fosse alcançado. Devo tudo isto, e principalmente a superação desta minha fragilidade, ao trabalho de equipa desenvolvido entre o Orientador e os restantes colegas estagiários, que me fizeram acreditar ainda mais que todo um trabalho realizado com dedicação e empenho acaba sempre por ser compensado, nem que seja apenas pela maravilhosa experiência que me foi proporcionada no papel de Professor.

3.7. Importância do Trabalho Individual e do Trabalho em Grupo

Sem dúvida que o Trabalho Individual e Trabalho de Grupo fazem parte da realidade de um Professor. Trabalho Individual, para aplicar os seus conhecimentos aos vários níveis das suas turmas, e Trabalho de Grupo para poder discutir e posteriormente solucionar as melhores estratégias para possíveis formas de agir perante as suas turmas de acordo com as situações apresentadas.

Falando primeiramente do Trabalho de Grupo, e essencialmente do Grupo de Estágio, tenho a dizer que este foi fundamental para o atingir de certos objetivos traçados para este Estágio. A meu ver, e isto é o que penso agora, considero um motivo de orgulho ter trabalho com estas pessoas, sendo de realçar a harmonia que se sentiu neste grupo, até mesmo nos momentos mais difíceis onde constantemente nos aconselhávamos uns aos outros através da troca de várias ideias. Com isso ficamos a ganhar como grupo e individualmente, permitindo desta forma encontrar imensas soluções para os mais diversos problemas e questões com que o Grupo se deparava (nomeadamente questões ligadas à prática pedagógica).

Quanto ao Trabalho Individual, tenho a dizer que este foi mais voltado para a pesquisa, sendo que a preparação de aulas surgiu mais num contexto de intervenção pedagógica, havendo a necessidade de procurar soluções para as dificuldades sentidas no decorrer das aulas. Esta procura consistiu na melhoria do desempenho e na superação das dificuldades, sendo de salientar que por vezes o trabalho individual e o de grupo interligavam-se no sentido de encontrar as referidas formas de superação e o alcance do sucesso.

4 - A OBTENÇÃO DO SUCESSO NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM TURMAS NUMEROSAS: SUPERAÇÃO DE DIFICULDADES E PROCURA DE ESTRATÉGIAS

Tendo em consideração toda a descrição e análise reflexiva relativa a todo este percurso neste Estágio Pedagógico realizada anteriormente, apresento agora um Estudo que se enquadra nos domínios de intervenção da Educação Física Escolar, fruto das dificuldades sentidas por mim do decorrer desta experiência bem como da procura de estratégias para a sua superação com vista à obtenção do sucesso no Ensino da Educação Física em turmas numerosas, assunto principal sobre o qual se irá debruçar este Estudo.

Com a sua realização pretende-se a obtenção de um conjunto alargado de medidas/estratégias que contribuam para uma melhor qualidade de ensino, mais especificamente no ensino da Educação Física, baseando-me para tal nas dificuldades associadas ao trabalho com turmas numerosas e respetivas formas de resolução dessas mesmas limitações, com vista à obtenção do sucesso escolar.

Trabalhar com grandes turmas é um desafio, mas também pode oferecer muitas oportunidades, permitindo melhorar o modo de ensinar tornando-o mais agradável e gratificante quer para o professor quer para os seus alunos.

A existência de uma diversidade de alunos com diferentes estilos de aprendizagem permite ainda o recurso a variadas formas de ensinar, sendo que para isso é necessário recorrer a conhecimentos adquiridos ou a experiências já vivenciadas. Partindo do que foi dito, isto poder-se-á traduzir num ponto de partida muito valioso no que diz respeito ao planeamento de aulas e de outro tipo de atividades no sentido de tornar ainda mais significativa a aprendizagem dos alunos bem como a qualidade do ensino.

Os próprios alunos também podem ser beneficiados pelo facto de estarem inseridos em turmas grandes através do compartilhamento de diferentes ideias e diferentes experiências de vida. Isto estimula-os, e de certa forma fá-los-á aprender e a partilhar responsabilidades, ajudando-se uns aos outros dentro de um grupo diversificado de pessoas.

Porém, e mesmo tendo em conta o que foi dito, é importante realçar que não existe uma forma exclusiva ou única para a obtenção do sucesso no ensino de turmas numerosas, sendo ainda mais específico, e até porque se relaciona com a

prática vivenciada por mim, refiro-me neste caso concreto ao ensino da Educação Física. Para ir de encontro a esse mesmo sucesso, deve ser desenvolvida uma abordagem que melhor funciona para nós enquanto professores com base no nosso estilo de ensino, nas características dos alunos, nas metas e objetivos das aulas e no currículo.

O Professor tem um papel central em todo o processo de reforma educativa, na compreensão da diversidade dos problemas profissionais com que este se confronta na sua prática diária e a forma como, pondo em uso o seu saber profissional, os procura solucionar, constitui um elemento importante para um conhecimento mais profundo da realidade educacional (Thurler, 1994).

Um outro aspeto importante de ser mencionado e também relacionado com o número de alunos por turma é o ambiente em que eles desenvolvem as suas aprendizagens, ou melhor dizendo, o ambiente onde eles se inserem, o espaço-aula. De alguma forma isto poderá afetar a forma como os alunos aprendem e como tal, é fundamental que o professor assuma um papel preponderante no seu controlo e gestão, proporcionando assim um espaço benéfico e confortável para a aprendizagem dos alunos.

Imaginemos uma situação em que surjamos como um novo professor que é designado para ensinar a uma turma que contém 60 ou mais alunos, por exemplo. Após o choque inicial, ou talvez em resposta a ele, que possíveis perguntas colocaríamos a nós mesmos? Muito provavelmente, a primeira pergunta que viria à mente seria "Como é que eu vou fazer para controlar todos estes alunos?" Na verdade, esta questão destaca um dos aspetos mais críticos do trabalho em turmas numerosas, ou seja, controlar o ambiente da sala de aula no sentido de este se tornar num espaço confortável para ensinar e aprender. Isto poderá fazer toda a diferença entre um funcionamento das aulas calmo e controlado e um funcionamento das aulas caótico e completamente fora do controlo. Ora aí está mais um fator a ter em conta para melhorar a qualidade do ensino, e conseqüentemente a qualidade das aulas.

Relativamente aos pontos negativos, uma das maiores desvantagens das turmas numerosas é o elevado rácio Professor-Aluno. Uma forma de combater este problema é estar disponível para os alunos, antes e depois das aulas. Com base nisto, imaginemos uma outra situação, remetendo-nos desta feita ao período em que éramos estudantes mas na condição de estarmos inseridos numa turma de grandes

proporções. “Qual seria a sensação de numa dada aula não ter aprendido nada?” Possíveis justificações seriam: ou porque as aulas, palestras ou atividades não foram claras para os alunos; ou porque o professor é apático ou aborrecido; ou porque o método de ensino não foi o mais adequado; ou porque os exemplos usados na aula não ajudam os alunos a compreender ou aplicar os conceitos que foram ensinados; ou porque os pontos importantes não foram enfatizados, e as principais ideias não foram resumidas, etc. Será que alguma destas justificações pode caracterizar a maneira como ensinamos? Por vezes, há que nos colocar no lugar dos alunos para percebermos determinados pontos de vista e encontrar algumas respostas para aquilo que nos preocupa perante situações semelhantes a esta. É com base nestes pressupostos e na realização destes exercícios mentais que poderemos tornar o ensino mais eficaz, independentemente do número de alunos que temos perante a nossa pessoa. Acima de tudo há que inovar, ser criativo e dar a cara à luta (como exemplo para o acabou de ser dito pode-se associar o planeamento prévio das aulas, que nos leva a pensar ao pormenor e com clareza sobre variadíssimas situações que proporcionem a aquisição de saberes a todo o tipo de alunos, independentemente das suas diferenças ao nível das suas capacidades de aprendizagem).

Segundo Freire (1996: 96), “o bom Professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento”. Logo, a relação Professor-Aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles.

A forma como nós organizamos a informação nas nossas cabeças não pode ser da mesma maneira que os alunos o fazem. Há que considerar para tal, a dificuldade daquilo que está a ser ensinado e os níveis de aprendizagem de cada um dos alunos envolvidos. Enquanto professores, nós é que decidimos que informações transmitimos, a ordem com que são dadas, e a forma como as mesmas são transmitidas. Como eu já havia mencionado, há que ser criativo e ter em conta a obtenção do sucesso por parte dos alunos pois o importante não é o tamanho da turma, mas sim a qualidade do ensino. É certo que este fator (turma numerosa) pode condicionar o trabalho do professor, o que é uma verdade, mas há que solucionar um leque de estratégias que se adequem para que haja uma superação de qualquer

tipo de adversidades, tal como aconteceu comigo ao longo da minha experiência vivenciada no decorrer do Estágio Pedagógico, e é também partindo dessa experiência que me proponho a investigar esta realidade.

4.1. Contextualização do Problema

A Educação representa, de forma cada vez mais decisiva nas sociedades contemporâneas, o principal mecanismo na promoção de uma verdadeira igualdade de oportunidades, permitindo de forma inigualável estabelecer ruturas com a reprodução das desigualdades sociais e com os ciclos geracionais de exclusão.

Ao longo dos últimos trinta anos, desde Abril de 1974, o Sistema Educativo português enfrentou positivamente o enorme desafio da democratização do acesso à Educação, dotando o país de um número crescente de estabelecimentos escolares e de recursos humanos, nos diferentes níveis de ensino, consubstanciando assim o primeiro passo no combate ao profundo atraso educativo do país, acumulado ao longo das décadas anteriores.

Contudo, apesar do investimento efetuado ao longo dos últimos anos no alargamento da rede escolar, na formação de docentes e na diversificação das ofertas formativas, o défice de escolaridade da população portuguesa continua a situar-se em níveis muito elevados.

Além disso, e para agravar ainda mais os problemas associados à Educação foram criadas recentemente, medidas com o intuito de aumentar o número máximo de alunos por turma e por professor, colocando mesmo em risco a qualidade de ensino nas Escolas. Segundo o Despacho n.º 5106-A/2012, que define, entre outras questões, a distribuição dos alunos por Escolas e Agrupamentos e constituição de Turmas, este refere que o número mínimo de alunos por turma do 5º ao 12º ano passa a ser de 26 alunos, contra os 24 anteriores, enquanto que o número máximo de alunos passa a ser de 30 alunos, contra os 28 anteriores.

Ora, estas medidas não só vêm contrariar recomendações da própria OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico), como não vão ao encontro do que hoje parece ser necessário a todos os atores das comunidades educativas do país – mais do que reduzir o número médio de alunos por turma, que tem grandes assimetrias regionais e por ciclo de ensino, reduzir o número máximo de alunos por turma. A própria FENPROF, em declarações ao Diário de Notícias,

refere também que este aumento do número de alunos nos ensinos básico e secundário é um “atentado” à qualidade de ensino, e isto deveu-se ao facto dos índices de insucesso dos alunos portugueses se manterem em níveis muito elevados.

Com base nisto, é no âmbito de um relatório intitulado “*Education at a Glance*” realizado pela OCDE em 2012, que me baseio para suportar a Problemática do meu Estudo, ou seja, visto que o suposto aumento do número de alunos por turma pode afetar a qualidade de ensino, e tendo eu lecionado a uma turma consideravelmente numerosa, de acordo com os dados revelados a seguir, eu procurarei solucionar potenciais estratégias que tentem minimizar alguns dos problemas criados por esse aumento do número de alunos pelas turmas. É um facto que a qualidade de ensino é afetada, e contra isso não argumento, todavia, considero que existem formas que podem contornar algumas dessas dificuldades, e aqui refiro-me à capacidade de inovação e criatividade do próprio Professor através do recurso a diferentes estratégias que possam superar as dificuldades verificadas no trabalho com turmas numerosas, permitindo desta forma obter o êxito no ensino da Educação Física para casos como este, tal como aconteceu comigo no decorrer do Estágio.

O gráfico a seguir representado mostra a dimensão média das turmas de acordo com o Relatório “*Education at a Glance*”, elaborado pela OCDE:

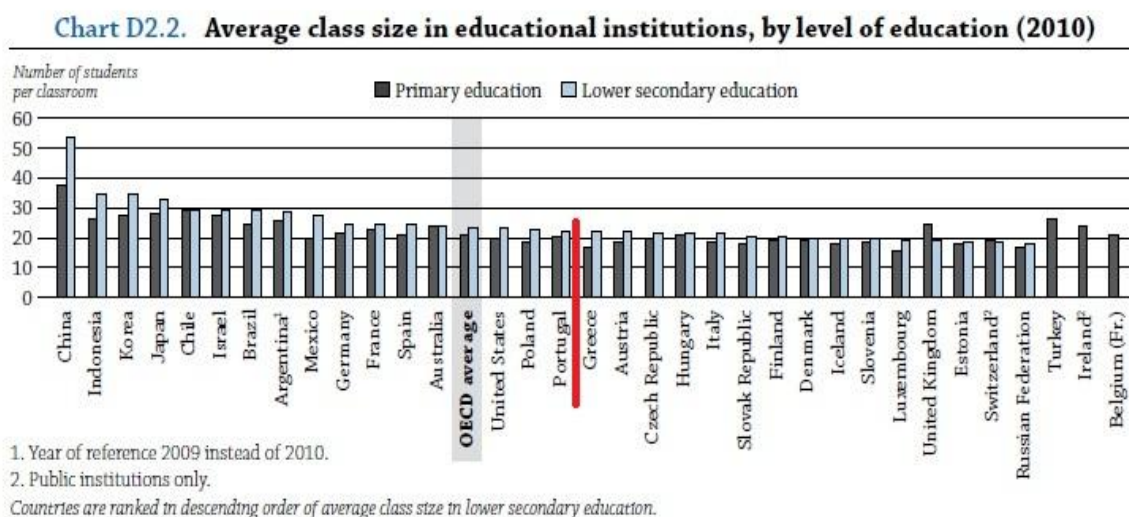


Ilustração 1 – Média de Alunos por Turma nas Escolas

De acordo com os dados obtidos, é notório que a dimensão média das turmas com que os professores portugueses trabalham está dentro da média geral, e ligeiramente abaixo da média da OCDE, todavia, estes valores não correspondem à realidade vivenciada por mim na prática desenvolvida no Estágio Pedagógico pelo Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

facto de eu lecionar a uma turma numerosa comparativamente à média apresentada no gráfico. Isto para dizer que devido ao facto de a minha turma ser relativamente grande, foram surgindo algumas limitações no decorrer das diferentes aulas de cada matéria, que por vezes punham em causa a qualidade de ensino (fruto das dificuldades em promover um ensino individualizado). A heterogeneidade social vivida nas escolas públicas e a extensão dos programas curriculares aponta para a necessidade de apostar em metodologias pedagógicas diferenciadas e individualizadas, o que é aliás hoje consensual no campo da teoria das ciências da educação. Ora, essa diferenciação e individualização nos métodos pedagógicos exige como condições de exequibilidade não só o número máximo de alunos por turma, como também o número máximo de alunos que um professor pode verdadeiramente acompanhar e guiar no seu percurso educativo. O desafio qualitativo que se coloca hoje ao sistema educativo português exige, assim, a introdução de medidas que permitam às escolas e aos professores adotar modelos de acompanhamento diversificados e individualizados, que só são possíveis com turmas mais reduzidas e um número adequado de alunos a seu cargo. Um investimento qualitativo deste tipo terá ganhos significativos na equidade das condições do percurso escolar de todos os alunos, tornando o sistema educativo português mais equitativo, e, nesse sentido, mais democrático. Infelizmente, para tal acontecer, seria necessário recorrer a custos adicionais visto que as turmas sendo mais pequenas precisariam de mais salas de aula e mais professores teriam que ser contratados, o que dificilmente acontecerá dados os graves problemas financeiros que o país atravessa e a austeridade a que temos sido sujeitos.

Tudo o que foi dito até então vem dar ainda mais importância ao papel que o Professor tem que assumir perante a turma, ou seja, ele terá de ser uma pessoa capaz de inovar, aludindo para tal à sua criatividade, através do recurso a diferentes estratégias que promovam a tal obtenção do sucesso no ensino da Educação Física em turmas numerosas, retratado pelo Estudo em questão elaborado por mim.

4.2. Metodologias

Para este Estudo, recorri à utilização da metodologia qualitativa. Para Bogdan e Biklen (1994), uma investigação qualitativa caracteriza-se por ter como fonte direta dos dados, o ambiente natural. Desta forma, segundo o mesmo autor, é o que o

investigador constrói, o instrumento principal, caracterizando-se assim pelo seu teor descritivo. Na investigação qualitativa as técnicas de recolha de dados utilizadas com maior frequência são a observação participante, a entrevista, a análise documental e o questionário. Para tratar os dados recolhidos pode recorrer-se quer a uma análise do conteúdo das observações (que será a que irei utilizar), quer a uma análise estatística. Os pesquisadores qualitativos querem saber onde, quando, como e sob que circunstâncias se dá cada comportamento. As circunstâncias históricas e os movimentos são de extrema relevância, tal como cada ato, palavra e gesto são significativos aos olhos do pesquisador qualitativo (Bogdan e Biklen).

A falta de exploração de um certo tema na literatura disponível, o carácter descritivo da pesquisa que se pretende empreender ou a intenção de compreender um fenómeno complexo na sua totalidade são elementos que tornam propício o emprego de métodos qualitativos (Neves, J. L., 1996).

Em comparação com uma metodologia quantitativa pode afirmar-se que esta metodologia qualitativa está mais focada nas pessoas, é mais humanista. As pesquisas qualitativas, segundo Berger e Luckmann (1966), interessam-se mais em como as pessoas percebem as suas experiências, no que elas acreditam e em como as suas interações com os outros influenciam as atitudes e valores.

Outra característica que está interligada a estas abordagens é o facto de as amostras serem muito pequenas. Isto segundo Shank (2006) deve-se ao facto de a pesquisa qualitativa ter como objetivo a introspeção e a profundidade de compreensão em oposição a um grande leque de informações. Segundo Creswell (2007), amostras com um grande número de participantes são mesmo incomuns na pesquisa qualitativa.

4.3. Instrumentos

A recolha de dados será efetuada através do preenchimento de questionários (ver Anexos 1 e 2) por parte dos elementos que constituem a amostra em estudo. Relativamente à utilização deste instrumento há que realçar a preocupação evidenciada com a proteção dos sujeitos humanos, sabendo que, um dos deveres do investigador é proteger os direitos e o bem-estar dos sujeitos do seu estudo.

4.4. Procedimentos

No que concerne aos procedimentos efetuados neste estudo, procurei em primeiro lugar, reunir as condições necessárias para que o questionário pudesse ser aplicado à população em estudo. Assim sendo, foi tido em consideração, o cuidado com a formulação das perguntas e a forma mediatizada de contactar os inquiridos. Com isto, foi dada especial atenção ao facto de o sistema de perguntas estar bem organizado, de modo a ter uma coerência intrínseca e configurar-se de forma lógica para quem responde. Quanto às instruções de preenchimento, as indicações fornecidas foram simples e claras no sentido de se ter acesso a um maior número de respostas por parte dos inquiridos.

Relativamente à apresentação do questionário, é de realçar também a presença de algumas “normas” com o intuito de credibilizar quer o questionário, quer o seu autor. Essas “normas” surgem ao nível: da apresentação do investigador (deve ter os elementos indispensáveis para o credibilizar aos olhos do inquirido); da apresentação do tema (deve ser feita de forma clara e simples, mostrando o valor que o inquirido pode trazer à investigação com as respostas que forneça); de instruções de preenchimento (devem ser claras, precisas e curtas; quando são ambíguas ou demasiado complicadas são contraproducentes); da revisão gráfica (deve ser cuidadosa, evitando gralhas ortográficas e erros sintáticos, que fazem baixar a credibilidade do inquirido) e do número de folhas (deve ser reduzido ao mínimo, para evitar reações prévias negativas por parte do inquirido). Ainda relacionado com as “normas”, tenho a dizer que foi garantido o anonimato dos inquiridos neste estudo.

Por fim, e após a verificação da fiabilidade dos questionários, procedi finalmente à sua entrega à população que faz parte da amostra em estudo, procedendo numa fase posterior à análise dos dados recolhidos.

4.5. Amostra

O presente Estudo foi realizado com base numa amostra de 4 indivíduos, sendo todos eles professores de Educação Física que ao longo dos seus anos de serviço já se depararam com situações semelhantes à tratada neste Estudo, ou seja, ao trabalho com turmas numerosas. Relativamente à sua seleção, os anos de serviço de cada um era indiferente, mas o mesmo já não se pode dizer do local de trabalho

de cada um deles. Os questionários foram aplicados a Professores que exerciam a profissão em locais diferentes, para ver até que ponto as dificuldades e as formas utilizadas para as superar se assemelhavam ou divergiam. É certo que cada professor adota as suas próprias estratégias com vista à obtenção do sucesso no ensino, neste caso da Educação Física, proporcionando conseqüentemente uma melhor qualidade de ensino, e é esse o verdadeiro objetivo deste Estudo, mas a meu ver, considere também interessante verificar se eram utilizadas estratégias semelhantes em turmas numerosas pertencentes a zonas mais rurais comparativamente às urbanas. O facto de estes alunos terem costumes e hábitos diferentes de acordo com os estilos de vida de cada uma das zonas, poderia contribuir de certa forma para comportamentos diferentes por parte dos mesmos, que levaria por conseguinte à utilização de diferentes estratégias pelos professores pertencentes à amostra. Penso que este é um caminho que poderá enriquecer ainda mais este Estudo, no entanto, mais uma vez faço questão de referir que este não é o seu verdadeiro objetivo, remetendo-se apenas para uma curiosidade que eu gostaria de esclarecer, se possível, de acordo com os dados obtidos nos questionários.

4.6. Apresentação e Discussão dos Resultados

4.6.1. Dificuldades no Ensino a Turmas Numerosas

Kennedy e Kennedy (1996) acham que é difícil controlar o que acontece quando o número de grupo passa um determinado número. Por sua vez, Harmer (2000) afirma também, que as turmas numerosas podem provocar dificuldades para os professores e alunos no processo ensino-aprendizagem.

Os professores reconhecem ser mais fácil controlar os alunos e obter a disciplina nas turmas de tamanho mais reduzido. Nas turmas numerosas gera-se mais facilmente o descontrolo disciplinar, os alunos mais turbulentos encontram aqui ocasião para agir e perturbar e os mais ociosos para se fazerem esquecer e não trabalhar; a comunicação não flui e o professor fadiga-se na tentativa de assegurar a monitorização da turma (Nomaye, 2006). A dimensão da turma apresenta, ainda, constrangimentos no envolvimento, participação e concentração dos alunos.

Com base nisto, poder-se-á afirmar que o ensino em turmas numerosas não é de facto igual ao ensino em turmas consideradas “normais”, pois é mais difícil de gerir, e implica outras exigências e desafios.

Ter consciência deste fenómeno é assumi-lo, na procura de soluções adequadas, e é neste sentido que a literatura fala da pedagogia de grandes grupos. Não porque seja a solução ideal para aceder ao conhecimento, mas porque continua a ser a possível para resolver a dificuldade de ensino em muitas escolas e muitos países em desenvolvimento, sem grandes recursos financeiros e com pouca vontade política para implementar um sistema educativo de qualidade que tenha implicação na redução do tamanho das turmas, no aumento de professores e no fomento da qualidade/qualificação dos espaços educativos.

Categories	Indicadores	Inquiridos			
Questão 1 - “Ao nível do Ensino da Educação Física em turmas numerosas, quais as principais dificuldades com que se deparou?”		1	2	3	4
Dificuldades no ensino a turmas numerosas	Atraso no conhecimento da turma e das necessidades dos alunos	X			
	Promoção de um ensino individualizado	X	X	X	
	Utilização de determinados recursos e a sua gestão	X	X	X	X
	Clima de Aula	X	X	X	X
	Heterogeneidade da Turma (Planeamento)		X	X	X
	Promoção de um ensino de qualidade de igual forma para todos				X

Tabela 1 – Dados relativos à questão nº1 do Questionário

Relativamente aos dados obtidos na tabela 1, pode-se verificar que houve um leque considerável de respostas, sendo de destacar “a utilização de determinados recursos e a sua gestão” e “o clima de aula” como as principais dificuldades no ensino da Educação Física em turmas numerosas. É de salientar também que apesar deste diversificado leque de respostas dadas, é notória a semelhança de respostas entre os vários inquiridos, o que permite concluir que grande parte das dificuldades sentidas perante esta situação são as mesmas. No que concerne à divisão do grupo da amostra em zonas rurais e urbanas, a cor “Azul” representa o trabalho realizado em zonas urbanas, enquanto que o “Vermelho” representa o trabalho realizado em zonas mais rurais. Perante isto, volta novamente a verificar-se uma semelhança nas respostas dadas pelos inquiridos, não se tirando qualquer conclusão sobre o facto de se trabalharem em diferentes zonas, partindo do pressuposto que os alunos teriam comportamentos diferentes por terem um estilo de vida também ele diferente.

4.6.2. Desenvolvimento das Aprendizagens dos Alunos no Ensino a Turmas Numerosas

Estudos realizados com o objetivo de estabelecer relação entre tamanho das turmas e a qualidade de ensino-aprendizagem não são conclusivos (Benbow, et al., 2007). Argumenta-se que as turmas mais pequenas têm um impacto positivo no desempenho do aluno, mas também se afirma que não há evidências significativas nesse sentido. Estes estudos são, no entanto, consensuais quando consideram a existência de um conjunto de variáveis que podem afetar negativamente o ensino nestes contextos de turmas numerosas, sobretudo no nível das exigências que se colocam aos professores.

Neste enquadramento, as turmas grandes podem constituir um obstáculo ao envolvimento dos alunos na aula, a capacidade de atenção fica em défice; a interação verbal entre todos é mais difícil; o tempo para a colocação de dúvidas e de explicitações individuais ao professor é menor e este tem igualmente menos tempo para atender às solicitações e necessidades de cada um (limitações ao nível da individualização do ensino).

Categorias	Indicadores	Inquiridos			
		1	2	3	4
Questão 2 - “Relativamente à qualidade de ensino, considera que o facto de lecionar a uma turma numerosa, afeta o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos? Porquê?”					
Desenvolvimento das aprendizagens dos alunos no ensino a turmas numerosas	Ausência de uma maior proximidade na relação professor-aluno (ausência de um ensino individualizado)	X	X	X	X
	Contribui para o aparecimento de mais comportamentos fora das tarefas	X			
	Diminui o nº de interações com as tarefas por parte dos alunos	X			

Tabela 2 – Dados relativos à questão nº2 do Questionário

Relativamente aos dados obtidos na tabela 2, pode-se verificar que houve um menor leque de respostas, comparativamente ao que aconteceu na questão 1, sendo de destacar “a ausência de um ensino individualizado” como o principal motivo prejudicial ao desenvolvimento das aprendizagens dos alunos no ensino da Educação Física em turmas numerosas. De salientar também que o maior número de justificações dadas foi efetuado pelo inquirido um o que leva a afirmar que este indivíduo confrontou-se com mais situações que afetavam o desenvolvimento dos alunos. Tal como já havia acontecido na questão anterior, mais uma vez é notória a semelhança de respostas entre os vários inquiridos, o que permite concluir que

grande parte dos motivos expostos perante esta situação são os mesmos. No que concerne à divisão do grupo da amostra em zonas rurais e urbanas volta também a verificar-se uma semelhança nas respostas dadas pelos inquiridos, não se tirando qualquer conclusão sobre o facto de se trabalharem em diferentes zonas.

4.6.3. Desempenho dos Alunos nos Diferentes Momentos de Avaliação

De acordo com Jacinto (1984), a “avaliação em educação é um processo que permite identificar, delimitar, obter e procurar todas as informações úteis que conduzem a um julgamento, uma escolha e uma decisão entre as diversas alternativas em relação aos objetivos propostos”.

É um facto que acaba por se tornar complicado para um professor lecionar a uma turma numerosa não só pelas dificuldades que esse trabalho proporciona, tal como já foi mencionado anteriormente, mas também, por razões que envolvem a avaliação dos alunos. Por estarmos perante uma turma com um número elevado de alunos, isso vai condicionar o tempo dedicado ao acompanhamento do desenvolvimento individual dos mesmos, afetando conseqüentemente a prestação dos mesmos na avaliação devido ao reduzido tempo de que se dispõe para avaliar. Devido a isso e a muitas outras razões, o professor pode facilmente confundir-se, ao considerar um aluno extrovertido como participativo e um aluno tímido como pouco esforçado, por exemplo. Este é um processo que poderá ser alvo de algumas injustiças para os alunos, e tudo isto fruto do excessivo número de alunos por turma.

De qualquer forma, o mais importante é não negligenciar a importância da avaliação, pois é através dela que o aluno tem um controlo do seu desenvolvimento sabendo assim quanto é que ainda pode evoluir com relação aos movimentos e ao domínio e consciência do corpo.

Categorias	Indicadores	Inquiridos			
Questão 3 - “Considera que o facto de lecionar a uma turma numerosa condiciona o desempenho dos alunos nos diferentes momentos de avaliação? Porquê?”		1	2	3	4
Desempenho dos alunos nos diferentes momentos de avaliação	Devido ao reduzido tempo de que se dispõe para avaliar	X	X	X	X

Tabela 3 – Dados relativos à questão nº3 do Questionário

Relativamente aos dados obtidos na tabela 3, é claramente evidente que a justificativa dada para o facto de o desempenho dos alunos nos diferentes

momentos de avaliação ser afetado pela inclusão destes em turmas numerosas se deve “ao reduzido tempo de que se dispõe para avaliar”. Aqui é bastante notória a partilha da mesma opinião no que se refere a esta situação. No que concerne à divisão do grupo da amostra em zonas rurais e urbanas volta mais uma vez a verificar-se uma semelhança nas respostas dadas pelos inquiridos, não se tirando qualquer conclusão sobre o facto de se trabalharem em diferentes zonas.

4.6.4. Estratégias/Soluções para a Obtenção do Sucesso no Ensino da Educação Física

O Professor deve procurar estratégias e metodologias apropriadas que se tornem facilitadoras de novas aquisições, aproximando-se das estratégias de aprendizagem de cada educando, pois cada aluno apreende um determinado conhecimento de acordo com as suas próprias características que provêm do seu próprio saber, dos seus hábitos de pensar e de agir. (Ana Cadima, 1996:49).

O Programa de Educação Física para Todos (1996:30) afirma também que se deve permitir que cada um aprenda ao seu ritmo, com os métodos que melhor lhe garantam o êxito, aprofundando os conteúdos e seguindo percursos pessoais em tudo compatíveis com os objetivos gerais.”

Categorias	Indicadores	Inquiridos			
		1	2	3	4
Questão 4 - “No que concerne à obtenção do sucesso no Ensino da Educação Física em turmas numerosas, que tipo de estratégias/soluções utilizarias neste contexto?”					
Estratégias/Soluções para a Obtenção do sucesso no ensino da Educação Física	Aproveitamento criterioso de todos os tipos de recursos	X	X		X
	Incrementação de situações de abordagem de mais do que uma matéria na mesma aula (aulas multimatéria)	X	X	X	
	Recorrer a diferentes estilos de ensino	X		X	X
	Promover a criatividade e a inovação para motivação dos alunos		X		
	Aplicação de fichas de trabalho periódicas			X	
	Criação de rotinas específicas para as diferentes matérias abordadas				X
	Planeamento prévio das aulas				X
	Promover situações que envolvam um aumento do tempo de prática e dos níveis motivacionais dos alunos				X

Tabela 4 – Dados relativos à questão nº4 do Questionário

Relativamente aos dados obtidos na tabela 4, pode-se verificar que tal como aconteceu na questão 1, houve um leque considerável de respostas, sendo de destacar “o aproveitamento criterioso de todos os tipos de recursos”; “a incrementação de situações de abordagem de mais do que uma matéria na mesma aula (aulas multimatéria)” e “recorrer a diferentes estilos de ensino” como as principais estratégias/soluções a utilizar no ensino da Educação Física em turmas numerosas. É de salientar que como o leque de respostas dadas já foi mais diversificado, foi evidente a diferenciação de respostas entre os vários inquiridos, o que permite concluir que a seleção de estratégias para esta situação varia entre cada um dos inquiridos. No que concerne à divisão do grupo da amostra em zonas rurais e urbanas, verificou-se também uma diferenciação nas respostas dadas pelos inquiridos, só que devido ao facto de as limitações no trabalho com turmas numerosas terem sido semelhantes nos dois casos, não se pode tirar uma conclusão clara sobre o facto de se trabalharem em diferentes zonas. Uma das razões que levaram à existência de mais respostas explica-se pelo facto de grande parte delas estarem relacionadas umas com as outras, daí este ser mais um motivo para não serem tiradas quaisquer conclusões sobre o facto de se trabalharem em diferentes zonas.

4.6.5. Ações para uma Minimização da Tendência do Aumento do Número de Alunos por Turma

A igualdade de oportunidades no acesso e no sucesso para todos os alunos e alunas não é uma realidade. Muitos fatores contribuem para o facto de Portugal possuir um dos mais seletivos sistemas de ensino na Europa, e o elevado número de alunos por turma e por professor, em tantas escolas do país, é um deles.

Não se pode falar de diferenciação e de individualização do ensino-aprendizagem com 28 alunos por turma. Não se pode falar do direito ao sucesso para todos com professores com 7 e 8 turmas. Não se pode falar com verdade sobre planos de recuperação, ou quaisquer estratégias individualizadas, com turmas sobrelotadas e professores com 160 ou 170 alunos.

Como tal, há a necessidade em reduzir o número de turmas por professor, bem como a carga horária dos mesmos, tornando-se isto num fator essencial para que o

professor possa refletir sobre a sua prática letiva e solucione respostas mais eficazes que promovam uma melhor qualidade de ensino.

Categorias	Indicadores	Inquiridos			
		1	2	3	4
Questão 5 - “Na sua opinião, o que deveria mudar ao nível do Sistema de Ensino para combater/minimizar esta tendência do aumento do número de alunos por turma?”					
Ações para uma minimização da tendência do aumento do número de alunos por turma	Razões económicas (isto centra-se exclusivamente no investimento e na importância que se atribui à Educação e à Escola Pública)	X			X
	Dar oportunidades de trabalho a outros professores (colocação de mais professores nas Escolas)		X		
	Redução da carga horária dos professores			X	

Tabela 5 – Dados relativos à questão nº5 do Questionário

Relativamente aos dados obtidos na tabela 5, pode-se verificar que as justificativas dadas sobre o que deveria mudar ao nível do Sistema de Ensino para combater/minimizar esta tendência do aumento do número de alunos por turma também variaram um pouco, no entanto, de entre as respostas dadas, destaca-se “as razões económicas”. No que concerne à divisão do grupo da amostra em zonas rurais e urbanas, desta vez não me vou pronunciar quanto às respostas que foram dadas porque esta é uma pergunta que nada influencia o facto de se trabalharem em diferentes zonas, além de que estas foram apenas opiniões fornecidas pelos indivíduos que faziam parte da amostra, com o intuito de contrariar este aumento do número de alunos por turma.

De acordo com os resultados obtidos, e relativamente ao facto de serem professores de diferentes zonas (rurais e urbanas) os indivíduos escolhidos para esta amostra, tenho a dizer que em resposta a isso não tirei grandes conclusões. Isto aconteceu, talvez devido à insuficiência de dados, e também, talvez por este não ser o verdadeiro objeto deste Estudo. No entanto, é de realçar mesmo apesar disto, que o objetivo principal deste Estudo foi alcançado com o êxito pretendido.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontrando-me agora nesta parte final do presente relatório, e tendo em conta todo o trabalho realizado ao longo do mesmo, tenho a dizer que todo o esforço, empenho e dedicação que fizeram parte da sua elaboração se refletem na sensação de dever cumprido.

Ainda relativamente ao Estudo que foi realizado, cujo objetivo principal era a obtenção de um conjunto alargado de medidas/estratégias que contribuíssem para uma melhor qualidade de ensino e respetiva obtenção do sucesso escolar no trabalho com turmas numerosas, tenho também a dizer que foi alcançado, uma vez que permitiu-me o acesso ao tal conjunto de estratégias referidas por mim, que depois de aplicadas, levassem ao êxito do Professor no ensino da Educação Física de acordo com o contexto atrás mencionado (em turmas numerosas). Porém, não só de estatísticas este Estudo foi feito, e durante a sua execução tive também em conta todo o percurso realizado por mim e as experiências porque passei, visto que ao longo deste ano letivo me confrontei com a situação de lecionar a uma turma numerosa, e como tal, foi-me fundamental encontrar outras formas de superação das dificuldades para além daquelas que eu encontrei para a superação das minhas. É também importante dizer que o sucesso obtido na aplicação dessas estratégias foi comprovado pela sua utilização por parte de outros professores, de acordo com os resultados obtidos no Estudo.

Segundo a análise que realizei ao longo do presente relatório, verifica-se que as turmas com mais alunos representam maior heterogeneidade e níveis de aptidão desiguais, o que torna o processo de ensino mais complexo, nomeadamente nos momentos de planificação e intervenção pedagógica. Nesta perspetiva o papel do Professor fica um pouco condicionado pondo até em causa a qualidade do ensino, muito por culpa da reduzida disponibilidade em prestar apoio individualizado aos demais alunos, fruto da falta de tempo e oportunidades de ensino que cada um terá. Ora de acordo com o que foi dito, o que está aqui em causa não será apenas o tempo que o professor disponibiliza a cada aluno, mas mais a qualidade do apoio que lhes presta. Isto implica também que os alunos em questão poderão não atingir o seu potencial devido à descoincidência entre as suas necessidades e o apoio que lhes é prestado. A partir daqui se vê a importância da criação de estratégias/medidas

que tentem contornar ou minimizar essas mesmas dificuldades, sendo que para tal, seja privilegiada uma melhor qualidade de ensino.

Como eu já citei várias vezes ao longo deste relatório, é um facto que as turmas numerosas condicionam e muito o trabalho do professor, todavia, há que fazer o esforço e dar uso à capacidade de inovação e criatividade no sentido de “construir” um melhor Ensino, independentemente da quantidade de alunos presentes ou das limitações que caracterizam cada um, daí a necessidade e importância da implementação de estratégias/medidas que apoiem isso.

Quanto à aprendizagem realizada neste ano de Estágio Pedagógico, pode-se dizer que houve um aumento gradual dos meus conhecimentos, o que tornar-se-á certamente, bastante benéfico para o futuro. Foi uma experiência muito rica e gratificante, tanto a nível pessoal como profissional, sendo todavia um bocado cansativa devido ao grau de exigência que nos foi colocado, a nós estagiários. De referir também que dado o término antecipado do período de Estágio comparativamente ao final do período das aulas, tomei a decisão de acompanhar a turma até ao final do ano letivo, o que demonstra da minha parte, não só responsabilidade no acompanhamento à turma como também uma enorme atitude em termos ético-profissionais para com a Instituição, neste caso, a Escola onde tive a oportunidade de realizar este Estágio.

Mais uma vez realço, que foi um ano com um elevado grau de exigência, em que para ter sido cumprido com o devido aproveitamento, foi preciso muito empenho e maior sentido de responsabilidade da minha parte, enquanto professor, estagiário e pessoa. O compromisso com o Estágio, com a escola, os alunos, os colegas estagiários, com o Professor Orientador, e até mesmo com a Faculdade (pois de certa forma estive a representá-la) foi sempre uma premissa minha. Este compromisso fez desenvolver em mim alguém ainda mais responsável e preocupado com o desenvolvimento dos alunos, principais visados do processo ensino-aprendizagem, fazendo-me aperfeiçoar a minha capacidade de pesquisa, de organização e de atuação para conseguir responder a todas as necessidades dos alunos e às exigências do Estágio Pedagógico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aranha, A. (2007). *Observação de aulas de Educação Física: Sistematização da observação - sistemas de observação e fichas de registo*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Bell, B., & Cowie, B. (2001). *The characteristics of formative assessment in science education*. *Science Education*, 85, 536-553.

Benbow, J., et al. (2007). *Large class sizes in the developing world: What do we know and what can we do?* Washington, D.C., U.S. Agency for International Development.

Bento, J. O. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. 2ª Edição, Lisboa, Livros Horizonte.

Berger & Luckmann (1966). *The Social Construction of Reality: A Treatise its the Sociology of Knowledge*. Garden City, New York: Anchor Books.

Boal, M.^a Eduarda; Hespanha, M.^a Cândida; Neves, Manuela Borrvalho. (1996). *Para uma Pedagogia Diferenciada*. Programa de Educação para Todos: Cadernos PEPT 2000. 1ª ed., Lisboa: Editorial do Ministério da Educação. ISBN 972-95851-6-4.

Bogdan & Biklen (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Cadima, A. (1996). *Diferenciação: no Caminho de uma Escola para Todos*. Noesis p.48-51.

Canário, R. (2007). *Formação e desenvolvimento profissional dos professores*, in Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, *Conferência do Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da Vida*. Lisboa.

Carvalho, G. (1996). *Uma reflexão sobre elementos de Planificação do processo ensino-aprendizagem*. *O Professor*, nº 50, III série.

Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions*. (2nd Ed). Thousand Oaks, CA: Sage.

Day, C. (2007). *A Liderança e o impacto do Desenvolvimento Profissional Contínuo de professores*, in J.C. Morgado e M.I. Reis (Org.) *Formação e Desenvolvimento Profissional Docente: Perspetiva Europeia*. Universidade do Minho, Cadernos CIED, pp. 30-39.

Estrela, M. T. (2003). *O pensamento ético-deontológico de professores em estudos portugueses*. Cadernos de Educação FaE/UFPEL, Pelotas, pp. 9-20.

Gomes, P. & Matos, Z. (1992). *Educação Física na Escola Primária*. Vol II: Iniciação Desportiva, Porto, Edições da Faculdade de ciências do Desporto e Educação Física.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Harmer, J. (2000). *Como ensinar Inglês*. Ensino de Língua Estrangeira e Pesquisa Press.

Jacinto, J. (1984). *A avaliação em Educação Física*. Revista Horizonte, I (4), 127-131.

Januário, C. (1996). *Do pensamento do professor à sala de aula*. Coimbra, Edições Livraria Almedina.

Kennedy, C. e Kennedy, J. (1996). "As atitudes dos professores e mudança." *Implementação do Sistema*, 24 (3), 351-360. Elsevier Science Ltd.

Mosston, M. & Ashworth, S. (1994). *Teaching physical education*. New York: Macmillan.

Neves, E. & Graça, M. (1997). *Princípios Básicos da prática Pedagógico-didática*. Coleções Estruturas de Trabalho, Porto, Porto Editora.

Neves, J. L. (1996). *Pesquisa Qualitativa - Características, usos e possibilidades*. Cadernos de Pesquisas em Administração, Universidade de São Paulo, V.1, nº3.

Nomaye, M. (2006). *Pédagogie des grands groupes et éducation primaire universelle - Afrique subsaharienne*. Paris, L'Harmattan.

OCDE – Organization for Economic Co-Operation Development. (2012). *Education at a Glance*. www.oecd.org/edu/eag2012. Acedido no dia 9 de Junho de 2010

Piéron, M. (1992). *Pédagogie des activités physiques et du sport*. Coleção Activites physiques et sports cherche et formation, Paris, Éditions Revue eps.

Piéron, M. (1996) *Formação de Professores. Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana

Ponte, J. P. (1994). *Desenvolvimento Profissional do Professor de Matemática*. Revista Educação e Matemática, Lisboa: APM, nº31, pp. 9-12 e 20.

Ribeiro, L. (1999). *Tipos de avaliação*. (pp.75-92).

Robalo, H. (2012). *FENPROF contra aumento do número de alunos por Turma*. http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=2418139. Acedido no dia 10 de Junho de 2010.

Shank, G. D. (2006). *“Qualitative research: A personal skills approach.”* (2nd ed.). Upper Saddle River, NJ: Pearson.

Siedentop, D. (1998). *Las técnicas y las estrategias de disciplina in Aprender a enseñar la educación física*. Barcelona: INDE (pp 227-250).

Silva, M. L. (1994). *A profissão docente - Ética e deontologia profissional*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (policopiado).

Thurler, M. G. (1994). *Levar os professores a uma construção ativa da mudança. Para uma nova conceção da gestão da inovação*. In Monica Gather Thurler e Philippe Perrenoud (Eds.), *A escola e a mudança*. Lisboa: Escolar Editora.

REFERÊNCIAS LEGISLATIVAS

Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de Agosto. Diário da República, nº 201 – 1.ª Série A.

Despacho nº 5106-A/2012 de 12 de Abril. Diário da República nº 73 – 2.ª Série

Despacho Normativo nº 1/2005 de 5 de Janeiro. Diário da República, nº 3 – 1.ª Série B.

Lei de Bases do Sistema Educativo. Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro.

ANEXOS

ANEXO 1 – MODELO DO QUESTIONÁRIO APLICADO

PROTOCOLO DE PREENCHIMENTO

Este questionário destina-se a uma recolha de informação que, depois de tratada, será utilizada como suporte de apoio a um estudo acerca da Obtenção do Sucesso no Ensino da Educação Física em Turmas Numerosas.

ATENÇÃO: em parte alguma do questionário deve escrever o seu nome ou qualquer elemento que o identifique.

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO DO INQUIRIDO

1 – Género: a) Feminino ___ b) Masculino ___ 2 – Anos de Serviço Docente: ___

3 – Assinale o nível (ou níveis) de ensino que leciona:

a) Pré-Escolar ___ b) 1º Ciclo ___ c) 2º Ciclo ___ d) 3º Ciclo ___ e) Secundário ___ f) Superior ___

PARTE II – QUESTÕES DE RESPOSTA ABERTA

ATENÇÃO: As questões que se seguem devem ser respondidas de modo refletido, não devendo ultrapassar o espaço reservado.

Questão nº1 – “Ao nível do Ensino da Educação Física em turmas numerosas, quais as principais dificuldades com que se deparou?”

Questão nº2 – “Relativamente à qualidade de ensino, considera que o facto de lecionar a uma turma numerosa, afeta o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos? Porquê?”

Questão nº3 – “Considera que o facto de lecionar a uma turma numerosa condiciona o desempenho dos alunos nos diferentes momentos de avaliação? Porquê?”

Questão nº4 – “No que concerne à obtenção do sucesso no Ensino da Educação Física em turmas numerosas, que tipo de estratégias/soluções utilizarias neste contexto?”

Questão nº5 – “Na sua opinião, o que deveria mudar ao nível do Sistema de Ensino para combater/minimizar esta tendência do aumento do número de alunos por turma?”

Obrigado pela sua colaboração!

Questão nº5 – “Na sua opinião, o que deveria mudar ao nível do Sistema de Ensino para combater/minimizar esta tendência do aumento do número de alunos por turma?”

A questão é totalmente económica, pelo que a questão se centra exclusivamente no investimento e na importância que se atribui à Educação e à Escola Pública.

Obrigado pela sua colaboração!

QUESTIONÁRIO 2

PROTOCOLO DE PREENCHIMENTO

Este questionário destina-se a uma recolha de informação que, depois de tratada, será utilizada como suporte de apoio a um estudo acerca da Obtenção do Sucesso no Ensino da Educação Física em Turmas Numerosas.

ATENÇÃO: em parte alguma do questionário deve escrever o seu nome ou qualquer elemento que o identifique.

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO DO INQUIRIDO

- 1 – Género:** a) Feminino ___ b) Masculino X **2 – Anos de Serviço Docente:** 17
- 3 – Assinale o nível (ou níveis) de ensino que leciona:**
- a) Pré-Escolar ___ b) 1º Ciclo ___ c) 2º Ciclo ___ d) 3º Ciclo X e) Secundário ___ f) Superior ___

PARTE II – QUESTÕES DE RESPOSTA ABERTA

ATENÇÃO: As questões que se seguem devem ser respondidas de **modo refletido**, não devendo ultrapassar o espaço reservado.

Questão nº1 – “Ao nível do Ensino da Educação Física em turmas numerosas, quais as principais dificuldades com que se deparou?”

Revelei dificuldades, numa fase inicial, ao nível do Planeamento das aulas devido à heterogeneidade da turma; reduzido acompanhamento individualizado aos alunos; situações de indisciplina provocado por problemas associados ao clima de aula; e dificuldades em gerir da melhor maneira os recursos disponíveis, em algumas ocasiões.

Questão nº2 – “Relativamente à qualidade de ensino, considera que o facto de lecionar a uma turma numerosa, afeta o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos? Porquê?”

Sim, pelo simples facto de existirem dificuldades em promover um ensino individualizado dada a grandeza da turma. É também importante referir que em situações destas é complicado captar a atenção da turma durante os momentos de instrução tornando-se esta mais uma razão que contribui para o decréscimo da qualidade de ensino, daí a necessidade de se recorrer a outro tipo de estratégias para o êxito das aulas.

Questão nº3 – “Considera que o facto de lecionar a uma turma numerosa condiciona o desempenho dos alunos nos diferentes momentos de avaliação? Porquê?”

Sim, porque como nós professores necessitamos de um tempo mais alargado para a observação do desempenho dos alunos, isto pode afetar em parte as suas prestações, principalmente durante as avaliações iniciais nos casos em que a turma é nova e não se conhece os alunos.

Questão nº2 – “Relativamente à qualidade de ensino, considera que o facto de lecionar a uma turma numerosa, afeta o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos? Porquê?”

Sim. O facto de a turma ser numerosa, faz com o tempo dedicado a cada um dos alunos de uma forma individualizada seja menor que o pretendido, e isso reflete-se em algumas circunstâncias na evolução das aprendizagens dos alunos.

Questão nº3 – “Considera que o facto de lecionar a uma turma numerosa condiciona o desempenho dos alunos nos diferentes momentos de avaliação? Porquê?”

Sim e pode até, em certas circunstâncias, essas avaliações tornarem-se injustas, e como exemplo baseio-me nas palavras proferidas na resposta anterior. O professor necessita de mais tempo para este tipo de situações e o facto de estarmos perante uma turma destas dimensões acaba por limitar isso.
--

Questão nº4 – “No que concerne à obtenção do sucesso no Ensino da Educação Física em turmas numerosas, que tipo de estratégias/soluções utilizarias neste contexto?”

- Aplicação de diferentes estilos de ensino;
- Criação de rotinas específicas para as diferentes matérias abordadas;
- Planeamento prévio das aulas;
- Melhor aproveitamento de todos os recursos disponíveis;
- Promover situações que envolvessem um aumento do tempo de prática bem como dos níveis motivacionais dos alunos para a realização das tarefas.

Questão nº5 – “Na sua opinião, o que deveria mudar ao nível do Sistema de Ensino para combater/minimizar esta tendência do aumento do número de alunos por turma?”

Na minha opinião, para esta minimização ocorrer seria necessário recorrer a custos adicionais e da maneira em que o país se encontra em termos financeiros não vejo como isso venha a acontecer tão cedo. Caso se investisse mais no sentido de combater esta tendência, certamente se verificavam rápidos resultados para um abaixamento do número de alunos por turma.
--

Obrigado pela sua colaboração!